



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

INSTITUTO DE BIOLOGIA - CEDERJ



“PROCURA-SE AQUELAS VEREDAS”:
LEVANTAMENTO DE PLANTAS QUE ESTÃO DESAPARECENDO
NO BAIRRO PADRE MIGUEL E ARREDORES – RIO DE JANEIRO-RJ

VERA MOREIRA GONÇALVES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
POLO UNIVERSITÁRIO DE CAMPO GRANDE

2018



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

INSTITUTO DE BIOLOGIA - CEDERJ



“PROCURA-SE AQUELAS VEREDAS”:
LEVANTAMENTO DE PLANTAS QUE ESTÃO DESAPARECENDO
NO BAIRRO PADRE MIGUEL E ARREDORES – RIO DE JANEIRO-RJ

VERA MOREIRA GONÇALVES

Monografia apresentada como atividade obrigatória à integralização de créditos para conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – Modalidade EAD.

Orientadora: Dra. Eliana Schwartz Tavares

ORIENTADORA: DRA. ELIANA SCHWARTZ TAVARES

Dedico este trabalho à Cláudia Lúcia Guimarães da Silva, antiga tutora coordenadora do Polo Campo Grande, que nos deixou recentemente.

A todos os colegas, amigos, funcionários, professores, tutores e representantes do Polo Campo Grande que me acolheram tantas vezes, em tantos episódios e que por detrás da “cortina” desse espetáculo possibilitou o meu trabalho.

Agradeço ao nosso criador, pela paciência irrestrita, pelas forças e pelo amor que sempre cuida e abençoa minha vida de maneira ímpar.

À Valdinei Isac Gonçalves da Silva, meu eterno namorado e companheiro de vida, pelo carinho e apoio irrestrito na minha trajetória, propiciando as condições necessárias para a realização deste trabalho.

A minha orientadora Eliana, que não só me ajudou e me orientou nesta jornada, como teve paciência, dedicação, quando me cedeu uma segunda chance. Ela compartilhou sua paixão pela botânica, pelo trabalho científico e pelo conhecimento, de forma a investir futuramente em nos projetos e horizontes.

A professora Lana Sylvestre, que me ajudou a identificar as famílias de samambaias e levantadas neste trabalho, compartilhando seu conhecimento e orientações de cuidado das mesmas.

Aos alunos entrevistadores pela grande dedicação, postura e empenho à atividade; pelas trocas, conversas e descobertas, discussões, reflexões dos dados coletados. Sem a contribuição de vocês este trabalho não seria possível nem realizado.

*Se não houver frutos
valeu a beleza das flores.
Se não houver flores,
valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas
valeu a intenção da semente.*

Desconhecido

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez, são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente nos dedicar.

Paulo Freire

Por mais brilhante que a estratégia seja, você deve sempre olhar para os resultados.

Winston Churchill

RESUMO

GONÇALVES, Vera M. **“Procura-se aquelas veredas”**: levantamento de plantas que estão desaparecendo no bairro Padre Miguel e arredores – Rio de Janeiro-RJ. 2018. 99f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

Resumo

A dizimação da flora nativa é mais evidente nas cidades urbanas, por causa do acelerado processo de comércio e industrialização. Além disso, a transmissão de costumes e conhecimentos sobre o uso de plantas nessas áreas vem diminuindo com o passar do tempo, principalmente entre os jovens. Como estudos etnobotânicos são importantes no resgate e na valorização do conhecimento tradicional, este trabalho visa reduzir a perda cultural a partir do levantamento de plantas que estão desaparecendo nos últimos anos e que os moradores de Padre Miguel e arredores sentem falta. Outro objetivo é contribuir na conservação e disseminação do conhecimento popular dessas plantas entre os mais jovens. Para tal a autora propôs a 140 estudantes da rede pública de ensino a entrevistarem moradores deste bairro com 60 anos ou mais sobre tema, a pesquisarem uma imagem do nome popular da planta e depois confirmarem se a mesma corresponde com mencionada pelo entrevistado. Após a aplicação, registro, processamento e análise dos dados coletados, as plantas foram identificadas com auxílio do site Flora Brasil e de especialistas da UFRJ. 100 pessoas foram entrevistadas e 71,4% dos estudantes concluíram toda a proposta. 105 nomes populares e suas respectivas imagens foram arquivados. Das 38 famílias identificadas, a Asteraceae e Araceae foram as mais representativas. A samambaia, dormideira, comigo-ninguém-pode, dália e babosa foram as plantas que os moradores mais sentiram falta. De acordo com o padrão de respostas foram elaboradas categorias de significados culturais sendo as mais relevantes as referentes à afetividade, ao ambiente agradável, aos usos ornamental, medicinal e alimentar. Como resultado a autora conseguiu mobilizar os alunos e os moradores, proporcionando um maior interesse e integração entre as duas gerações. Também este trabalho contribui para construir um ensino-aprendizagem mais significativo e interdisciplinar, bem como a importância da afetividade nesse processo. Futuramente estes resultados podem conduzir outras ações educativas, como a devolução dessas plantas aos respectivos entrevistados, bem como propor uma maior discussão em prol de uma cultura mais sustentável e ecológica.

Palavras-chave: Etnobotânica, Identificação, Educação básica, afetividade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
1.1	ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA	10
1.1.1	Significado cultural de uma planta	11
1.1.2	A observação participante	11
1.2	AFETIVIDADE E O APRENDIZADO	12
1.3	A INTERDISCIPLINARIDADE	15
1.4	PADRE MIGUEL: RELEVO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA	15
2	JUSTIFICATIVA	18
3	OBJETIVO GERAL	19
4	METODOLOGIA	19
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	19
4.1.1	Localização geográfica	19
4.2	CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES ESCOLARES	20
4.3	FASES E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	20
5	RESULTADOS	23
5.1	A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES	23
5.2	OS ENTREVISTADOS	24
5.3	AS PLANTAS QUE OS ENTREVISTADOS SENTEM FALTA	26
5.3.1	As plantas e seus significados culturais	67
6	DISCUSSÃO	79
7	CONCLUSÃO	84
	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICE	90

1 INTRODUÇÃO

A humanidade, desde o início da civilização fez uso das plantas na alimentação, na preparação de remédios, no sustento e desfrute da alma do homem (MEDEIROS *et al.*, 2004). Além disso, elas integram parte da identidade de diferentes povos, refletindo no que são, no que pensam, mostrando quais são suas relações com a natureza. Em muitas sociedades tradicionais certos costumes e usos de vegetais vão perpetuando, pois estas plantas são encontradas em seu espaço natural, mas estão a perder o mesmo por conta do aumento populacional ou são cultivadas em ambientes projetados pelo homem (LOPES & PANTOJA, 2012).

A dizimação da flora nativa é mais evidente nas cidades urbanas, principalmente por causa do acelerado processo de comércio e industrialização, que aumenta a quantidade de residências sem quintais, amplia a rede de transportes e empreendimentos, que vão impondo uma nova paisagem, substituindo aquelas áreas verdes por outras mais asfaltadas. Vale destacar que historicamente nem sempre a ocupação humana foi de forma ordenada, planejada, otimizada, além disso, os valores e ideias sobre sustentabilidade e preservação do meio ambiente ainda são relativamente recentes. Este impacto ambiental também afeta diretamente a cultura e as tradições dessas comunidades locais, pois muitas delas dependem desses recursos vegetais do meio para sobreviver (DIEGUES, 2000).

Outra preocupação evidenciada em alguns trabalhos é quanto à transmissão de costumes e conhecimentos sobre o uso de plantas, que vem diminuindo com o passar do tempo, principalmente entre os jovens, devido principalmente pelo processo de aculturação. Isto significa, também, que os mais jovens estão conhecendo cada vez menos espécies em comparação aos mais idosos, o que sinaliza um risco da perda do conhecimento tradicional e, conseqüentemente, uma falha no repasse desses conhecimentos (GUIMARÃES *et al.*, 2015; BRITO & BRITO, 1999).

Muitas dessas informações foram desprezadas ou negligenciadas pelos pesquisadores no passado; tratadas como mito ou uma inconsistência conceitual principalmente em trabalhos sobre plantas junto a comunidades tradicionais (ALBUQUERQUE, 2005). No entanto, estes conhecimentos são interessantes para a ciência, porque estes indivíduos, alguns analfabetos, já exploram o ambiente e

observam os fenômenos há muito tempo, resultando sistematicamente no acúmulo desses saberes (BALICK & COX, 1996).

Este discurso mítico que é passado de geração a geração é também um mecanismo mobilizado de racionalização e o entendimento de tudo que é vivente, isto porque o ser humano sente uma imensa necessidade de classificar e ordenar os objetos, animais e plantas do seu meio, de forma a não se perder a complexidade. Sendo assim as diversas culturas ou sociedades têm esta capacidade para reconhecer seu ambiente, percebendo as diferenças e afinidades, avaliando e nomeando-as em unidades que são as classificações pré-científicas, ou taxonomias *folk*. (ALBUQUERQUE, 2005).

Esta visão engloba a preocupação de uma área interdisciplinar, a etnobotânica, que é o estudo da interrelação direta entre pessoas de culturas viventes e as plantas do seu meio, incluindo as concepções e o aproveitamento dessas por estas culturas. Esta valorização do conhecimento tradicional dado à etnobotânica reduz as diferenças entre o saber popular e o saber científico, porque ambos são formas úteis de conhecimento e respondem às necessidades dessas culturas (ALBUQUERQUE, 2005).

Considerando que a transmissão do conhecimento sobre plantas vem diminuindo entre os jovens, bem como existe um grande impacto antrópico que está reduzindo não só a biodiversidade, mas às tradições dessas comunidades em que estes habitam (DIEGUES, 2000), este trabalho visa reduzir a perda dessas informações a partir do conhecimento e uso de plantas de moradores de alguns bairros, integrando à comunidade e a escola. Como estudos etnobotânicos são importantes nesse processo de resgate (HANAZAKI, 2000) e podem subsidiar outras políticas voltadas à conservação ambiental e cultural (GUIMARÃES *et al.*, 2015), embora o título desse trabalho implique um levantamento de plantas que estão desaparecendo numa localidade, mostra por quais veredas¹ foram superadas e definidas nesse processo, de forma a obter uma maior sensibilização, mobilização, integração e consciência entre os protagonistas da mesma.

¹ Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), vereda significa um caminho estreito, ou caminho secundário ou atalho pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar, ou orientação de uma vida, de uma ação, rumo, direção, caminho. (HOUAISS, 2001).

1.1 ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA

O termo etnobotânica foi formalmente apresentado num artigo publicado em 1896 por J. W. Harshberger, a fim de elucidar a posição cultural das tribos que usavam plantas para alimentação, abrigo ou vestuário. Basicamente a abordagem etnobotânica é uma análise interativa entre três elementos relacionados: o simbólico, o natural (botânico) e o cultural. Este se estende ao conhecimento de mitos, divindades, cantos, danças, ritos etc., onde o natural e o sobrenatural representam uma única realidade (ALBUQUERQUE, 2005). Em suma, a etnobotânica busca entender como pessoas e plantas se relacionam.

Estas relações entre os homens e seu ambiente não podem ser estabelecidas da mesma forma que leis mecânicas, porque estas são mediadas por sistemas simbólicos por eles mesmos criados, sejam linguísticos, conhecimentos, mitos, ritos, padrões sociais, éticos ou estéticos (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010, p. 67). Por esse motivo a etnobotânica se insere num domínio mais amplo, a etnobiologia, que compreende o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas sobre o mundo vivo e os fenômenos biológicos por qualquer cultura.

Apesar dos dados etnobotânicos já serem usados para descrever a origem, conservação e distribuição de plantas cultivadas desde a história escrita da humanidade, somente a partir do século XX passou a ser compreendida como o estudo das interrelações entre os povos primitivos e as plantas (ALBUQUERQUE, 2005). Depois de algum tempo esta definição estendeu-se tanto para o estudo das populações tradicionais quanto para as industriais. Esta ampliação e também colaboração da antropologia cultural, bem como de outros conhecimentos da fitoquímica, ecologia, economia, linguística, etc., proporcionou o aumento na diversificação de objetivos e métodos da etnobotânica. Em outras palavras isto significa que esta área tem uma característica naturalmente interdisciplinar (ALBUQUERQUE, 2005, p.6).

Finalmente o pesquisador etnobotânico precisa despojar das suas categorias culturais para compreender melhor a cultura que observa, de modo a identificar as categorias êmicas (internas) da população que investiga e também registrar os nomes populares e os etnônios (em relação ao grupo ético) que compõem os sistemas vernaculares dessa cultura (ALBUQUERQUE, 2005). Logo uma ferramenta

importante nesse processo é o diálogo, porque o pesquisador precisa ter respeito às diferenças culturais, saber ouvir o que as pessoas têm a dizer a respeito dessas plantas, não impondo o seu conhecimento e ciência.

1.1.1 Significado cultural de uma planta

As pessoas têm as mais diferentes ligações, significados e usos para a flora. Pesquisar e registrar todas estas funções que uma determinada cultura ou população dá às plantas é o principal interessante do etnobotânico (ALBUQUERQUE, 2005). Segundo o mesmo autor, determinados grupos de plantas possuem importantes papéis de relevância, mas também são impulsionados por contingências ambientais, ou seja, possuem grande relevância cultural pelo contexto no qual estão inseridas.

As investigações etnobotânicas estimam o significado cultural na relação pessoas/plantas, determinando qual é a importância que goza dado vegetal dentro de uma cultura, fornecendo dados para comparação entre culturas. Em inventários, o estudo do significado cultural é muito útil, porque oferece parâmetros objetivos como fonte de interpretação do mundo vegetal (ALBUQUERQUE, 2005).

O alto significado cultural de uma planta se dá pela qualidade do relacionamento que ela estabelece. Certas plantas com poucas aplicações em algumas realidades culturais são reconhecidamente importantes para quem delas se utiliza, por serem estruturadoras e mantenedoras de uma ordem social e de um *ethos* que é necessário para a vida de um povo, tanto no aspecto biológico quanto social (ALBUQUERQUE, 2005, pp. 23-6).

1.1.2 A observação participante

As técnicas participativas funcionam como uma ferramenta de comunicação e troca de experiências entre pessoas envolvidas num dado estudo num movimento de valorização cultural e conscientização (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010, p. 86). Dentre estas temos a observação participante (originada por Bronislaw Malinowski

que permite minimizar a influência de inventários superficiais aplicados de forma fria de formulários e questionários (MALINOWSKI, 1984).

Esta tem o objetivo de conhecer e compreender a realidade por meio da convivência com os membros da comunidade e do envolvimento em suas atividades diárias, o que aumenta a aceitação do pesquisador pelo grupo, bem como a diminuição da imposição de suas convicções (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010, p. 75).

O pesquisador etnobotânico, segundo esta abordagem, é mais do que mero expectador, porque ele precisa integrar-se ao grupo sem ser um intruso ou um corpo estranho. Este deve compartilhar dos mesmos hábitos, para ser visto como semelhante e digno de confiança. Esta abordagem permite uma análise “de dentro” da realidade observada, tendo contato com a cultura, o senso comum e desenvolve o conhecimento a respeito das plantas do seu meio. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 34).

Ao ouvir o discurso e a visão de mundo desses indivíduos, o etnobotânico pode listar quais fenômenos biológicos são verificáveis, quais relações evolutivas e ecológicas se estabelecem, ou seja, são, na verdade, fatos observados e interpretados com o respaldo de diferentes formas de pensar o mundo. Portanto é desejável que o investigador se envolva com o investigado, com ênfase participativa, produzindo o conhecimento pela interação do saber tradicional com o saber científico (ALBUQUERQUE, 2005, pp. 54-7).

1.2 AFETIVIDADE E O APRENDIZADO

A ideia desse trabalho surgiu após uma conversa entre a autora e outro morador de Padre Miguel – Rio de Janeiro, que comentava reflexivo sobre o parcial ou total desaparecimento de algumas plantas, que eram bastante comuns na região quando ele era mais jovem. Saudoso ele relatou as transformações espaciais, sociais e históricas no bairro, principalmente em relação ao meio ambiente, à vegetação (distribuição de árvores e plantas) e ao clima local. A autora começou a também revisitar a memória nesses mais de 13 anos morando e observando as modificações na localidade, não avistando mais plantas que eram encontradas nos canteiros, jardins ou quintais das residências ou nas ruas, que fascinavam pela exuberância, fragrância, diversidade de cor e de formatos de folhas, flores e frutos.

Este sentimento associado às palavras de Manuelzão (retratado na obra de Guimarães Rosa) sobre desmatamento inspirou em parte o título desse trabalho:

As veredas foram desaparecendo, secando... Os próprios bichos não gostam de eucalipto, nem cobra nem maribondo faz casa dentro de plantação de eucalipto. Os bichos diminuíram por um motivo, porque acabaram as frutas deles. O alimento deles já não tem mais no cerrado, por isso tiveram de morrer. Iam viver de que? (MACIEL, 1995).

Estas memórias e emoções fazem parte da formação do indivíduo sócio histórico. Universalmente reconhecidas, as emoções assumem um papel fundamental nas interações sociais, que contextualizam qualquer tipo de aprendizagem (FONSECA, 2016). Várias pesquisas sobre este tema vêm sendo intensificadas nas últimas décadas, principalmente como um fator relevante para o processo de desenvolvimento humano (FERRREIRA & ACIOLY-RÉGNIER, 2010; FONSECA, 2016; MAHONEY & ALMEIDA, 2005.). O mesmo autor explica que estas emoções estão intrinsecamente relacionadas à atenção, à significação, à relevância e ao valor social, relacional e motivacional do processo de aprendizagem, já que este não se opera isolado ou espontaneamente e sim de forma compartilhada e continuada, que parte da interação sujeito/sujeito ou sujeito/objeto ao longo da vida.

Para Henri Wallon o afeto é fundamental na construção da pessoa, do conhecimento e das relações interpessoais (MAHONEY & ALMEIDA, 2005). Semelhante a Piaget, Wallon distribuiu o desenvolvimento humano em estágios (da infância até a maturidade), onde cada um deles representava um sistema completo em si, ou seja, tinha uma configuração e funcionamento que expressavam as características e conteúdos de uma pessoa (MAHONEY & ALMEIDA, 2005). Assim a afetividade na sua concepção é o domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento até alcançarem as relações dinâmicas com a cognição. Portanto para este autor, a ligação entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico do indivíduo é indissolúvel, porque o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico têm ação recíproca (FERRREIRA & ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

Também a concepção vygotskiana dá importância à afetividade no desenvolvimento humano e na construção do conhecimento. Para Vygotsky, o ser humano é o sujeito sócio-histórico, que está inserido numa dada cultura e sua ação sobre os objetos é mediada socialmente pelo outro e através de instrumentos e do

signos (OLIVEIRA, 1993). Portanto este processo é caracterizado pela relação do homem com o mundo e com interação social (mediação), em busca de novas aprendizagens e conseqüentemente, o seu desenvolvimento (FACCI, 2004). Ao se apropriar das práticas culturalmente estabelecidas, o indivíduo vai evoluindo das formas mais elementares de pensamento para as mais abstratas, que o ajudarão a conhecer e controlar a sua realidade. Portanto, estes processos estão presentes também na constituição do próprio sujeito e nas formas de agir do mesmo (TASSONI, 2000).

A emoção, segundo Vygotsky, é um reflexo de certos estímulos que são mediados a partir do meio sociocultural. Neste contexto, o professor precisa fazer com que o aluno apreenda e assimile o conteúdo estudado, mas que ele também seja capaz de sentir o conteúdo relacionando-o às emoções positivas. Nesse processo, tanto a linguagem oral, o contato físico e a proximidade são elementos indissociáveis, pois um leva ao outro e todos provocam nas relações afetivas um significado maior no processo ensino-aprendizagem. Isto significa que o papel do professor é fundamental no processo de internalização dos conceitos e no desenvolvimento desses alunos. Portanto é nas relações com o outro que os objetos tomam um sentido afetivo e determinam a qualidade desse objeto internalizado pelo aluno.

As emoções precisam fazer parte das experiências de aprendizagem do aluno, porque a sua integração efetiva e eficiente só se opera quando a emoção e a cognição estão em perfeita sintonia. Cabe então ao professor a criação, a gestão, o planejamento do envolvimento social dos alunos para que se criem condições emocionais e afetivas ótimas para que a aprendizagem, como ato cognitivo construído e co-construído se realize (FONSECA, 2016).

Além disso, ele precisa estabelecer uma relação mais afetiva com os alunos, valorizando-os como sujeitos constituídos de conhecimento: "... Para transmitir o gosto pelo conhecimento um professor precisa dominar os conteúdos de sua disciplina, e também saber acolher as turmas, identificando e trabalhando interesses e sentimentos" (CASASSUS, 2009). Portanto se o professor não propiciar um ambiente acolhedor e de compreensão para seus alunos, este não poderá desenvolver plenamente as suas potencialidades (ALVES, 2013).

1.3 A INTERDISCIPLINARIDADE

Os conhecimentos sobre plantas não se limitam apenas ao campo das ciências, biologia, ou botânica, este conhecimento foi construído pelas civilizações e registrado historicamente, compartilhado e estudado, logo é importante se abordar este conceito de forma mais abrangente e não limitado aos conteúdos de determinada área ou disciplina escolar. Nesse sentido, a visão interdisciplinar oferece mais mecanismos de se trabalhar de forma mais complexa o conhecimento e significativa.

A interdisciplinaridade é a interação entre duas ou mais disciplinas diferentes, integrando seus conceitos, métodos, procedimentos, epistemologia, terminologia e dados (MAYVILLE, 1978). Esse enfoque mais abrangente e complexo de trabalho tem a capacidade de aproximar o sujeito da sua realidade mais ampla, ao ajudá-lo a compreender em redes, possibilitando maior significado e sentido ao conteúdo da aprendizagem, e, além disso, permite ao discente uma formação mais consistente e responsável (WOHLENBERG, 2008).

O professor dotado e ciente dessa visão mais integrada da realidade e potencialidades, reconhece a necessidade de se apropriar de múltiplas relações conceituais que vão além da sua formação, mas que estabelecem ao mesmo tempo novos vínculos com outras ciências (THIESEN, 2008). Como a interdisciplinaridade é uma prática para um ensino integrador e de qualidade, é necessário que o educador se comprometa com a sua prática pedagógica, tendo a sua base fundada na pesquisa, pois é através da mesma que o educador inova e cria condições para que seus educandos se tornem mais críticos e criativos (CALLAI & MORAES, 2016).

1.4 PADRE MIGUEL: RELEVO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Segundo Alem (2010), a partir da Comissão do Plano da Cidade – COPLAN o espaço físico (territorial e organizacional) da Cidade do Rio de Janeiro foi dividido em cinco Áreas de Planejamento (APs). Padre Miguel e outros vinte bairros

pertence a AP5 (Figura 1), que corresponde a quase metade da área da cidade. A área dessa região com bairros da AP4 integram o que se chama Zona Oeste.

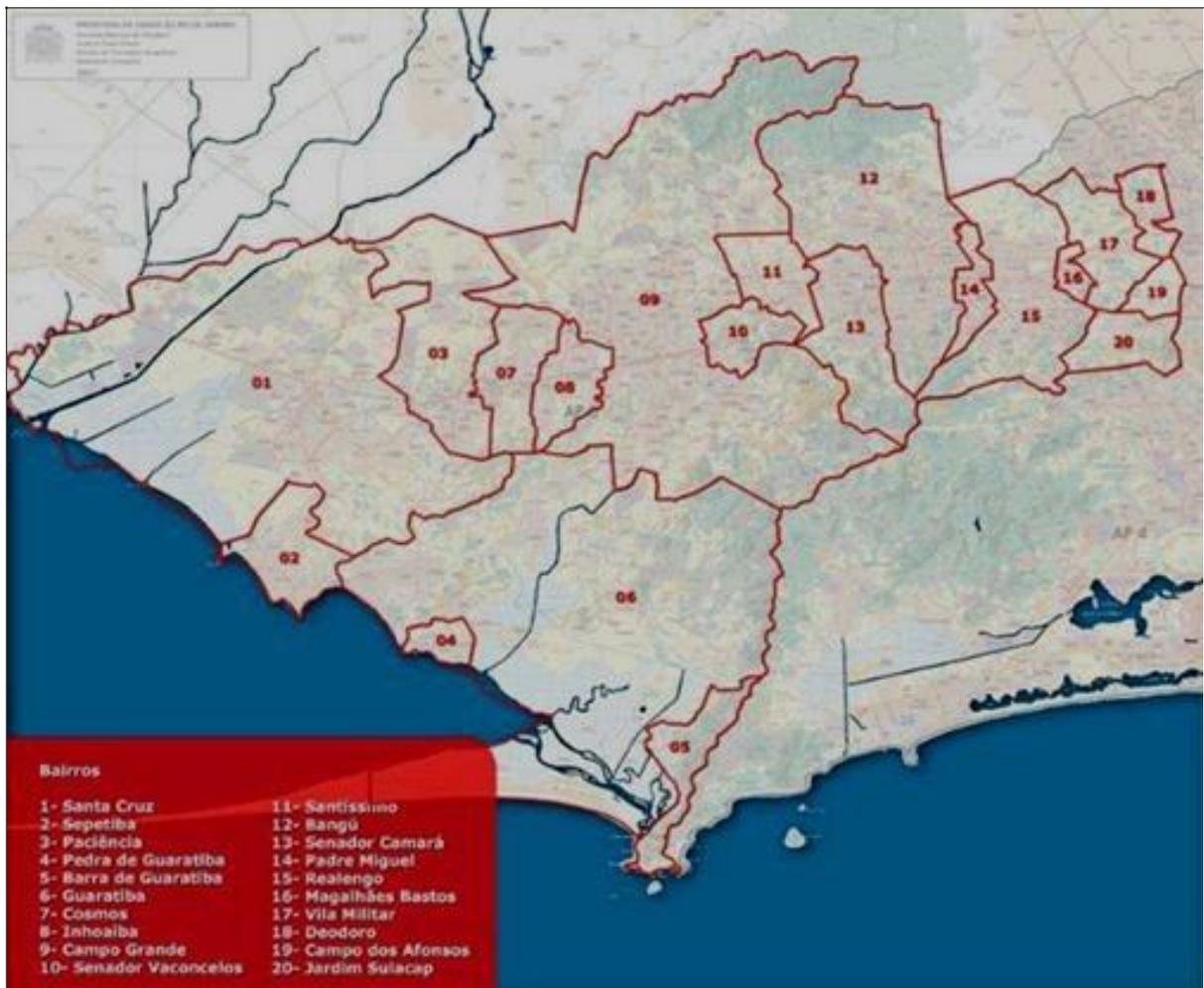


Figura 1: AP5. Fonte: IPP, Armazém dos dados. (ALEM, 2010). Destaque a área nº 14, Padre Miguel.

Em relação ao relevo, toda esta região apresenta formações morfológicas típicas de planície costeira, com morros arredondados e contém dois maciços montanhosos, o maciço de Gericinó, que inclui o Morro do Marapicu e as Serras do Mendanha, do Gericinó e de Madureira, e o maciço da Pedra Branca, que abrange as serras do Valqueire, Viegas, Bangu, Barata, Lameirão, Engenho Velho, Rio Pequeno, Taquara, Pedra Branca, Quilombo, Santa Bárbara, Rio da Prata, Nogueira, Alto do Peri, Sacarrão, Geral de Guaratiba, Carapiá, Cabuçu e Grumar. Nestas áreas estão delimitadas duas Áreas de Proteção Ambiental (APAs) a do Gericinó/Mendanha e da Pedra Branca, e entre ambas encontra-se a Baixada Bangu/Realengo onde se localiza o bairro de Padre Miguel (Figura 2).

Quanto à ocupação da região, esta iniciou-se por conta do cultivo da cana-de-açúcar. Para este fim, a Coroa Portuguesa repartiu primeiramente esta área em fazendas e logo depois, foram divididas em chácaras menores. As terras que hoje engloba o bairro faziam parte da Fazenda Água Branca da família Barata e se situavam entre as fazendas de Realengo e a de Bangu. No século XVIII, por conta do prejuízo da desvalorização do preço da cana-de-açúcar, estas fazendas passariam a plantar café nas encostas do relevo. Depois este cultivo foi substituído pela introdução de fruteiras. Até meados do século passado, a área AP5 tinha características essencialmente rurais, quando ainda se encontravam laranjais, bananais e gado leiteiro nas planícies e também nas encostas da região.

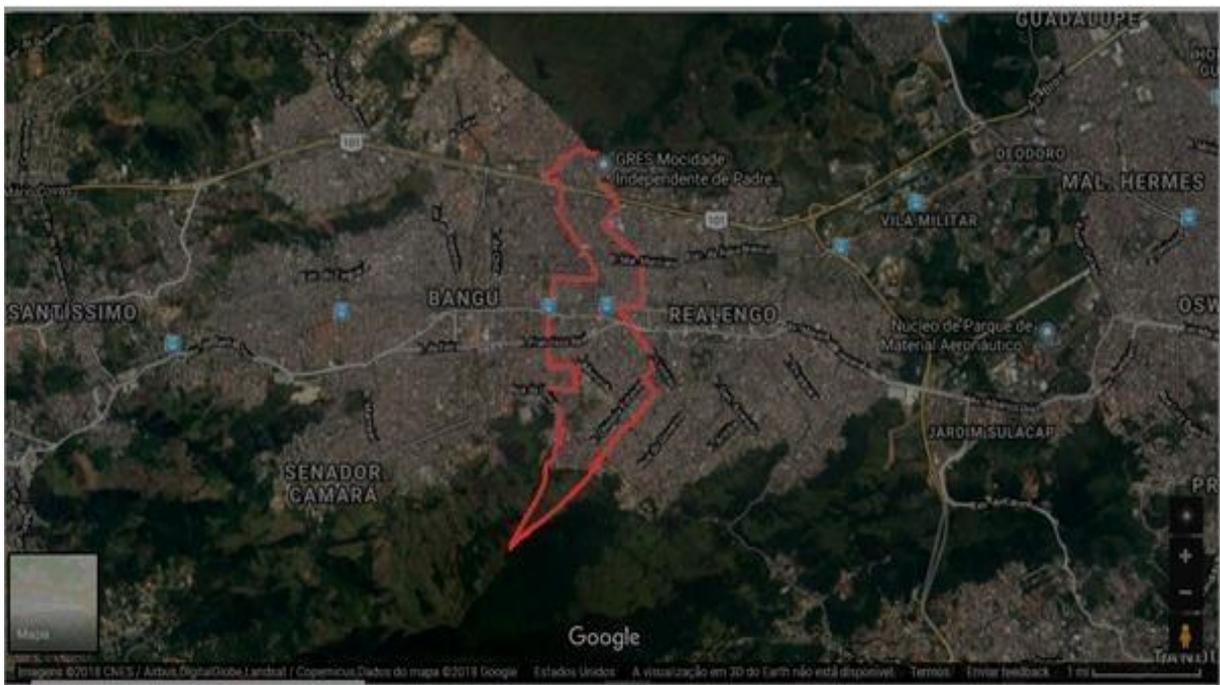


Figura 2: Imagem de Padre Miguel e de outros bairros vizinhos . Fonte: Google Maps. Destaque em vermelho dos limites do bairro.

Em meados do século XIX, outro marco importante no processo de ocupação e urbanização foi a instalação ferroviária do ramal da Central e suas sucessivas estações, como Deodoro, Realengo e Campo Grande. Assim a urbanização se estabeleceu de forma linear com aglomerados urbanos em torno das estações. Por apresentar áreas extensas vazias, o governo federal instalou na região bases militares (como as bases aéreas do Campo dos Afonsos e Santa Cruz) e áreas de treinamento e experimentação (como o Campo do Gericinó). Logo foi necessária a construção de conjuntos habitacionais para atender a população militar, e em seguida, para a população civil.

Nos anos 60, diante da baixa ocupação, o governo estadual (Estado da Guanabara) incentivou a urbanização ao transferir os moradores das favelas erradicadas da Zona Sul para conjuntos habitacionais da região (como foi, por exemplo, a Vila Kennedy) e a fim de fortalecer a economia, criou distritos industriais (em Santa Cruz e Campo Grande), que aumentou a oferta de empregos e atraindo, ainda mais pessoas e aumentando a urbanização de forma desordenada (ALEM, 2010).

Por conseguinte, as atividades antrópicas contribuíram para a alteração de 75% das características naturais da AP5, seja por urbanização ou outro tipo de ocupação. Segundo Alem (2010), as regiões administrativas de Santa Cruz e Realengo são as mais alteradas, com índices de 90 e 87% respectivamente.

O nome do bairro é uma homenagem ao monsenhor Miguel de Santa Maria Mochon, nascido em 1879 na Espanha. Ele chegou à região para assumir a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Padre Miguel foi um responsável pela criação de diversas escolas voltadas à alfabetização, incentivou o teatro amador e o cinema, demonstrando uma preocupação para proporcionar a melhoria da qualidade de vida da população que assistia. Depois da morte do padre Miguel, em 1947, a estação de trem ferroviária de Moça Bonita e o bairro foram rebatizados como forma de agradecimento ao religioso (CENTRO DE MEMÓRIA DE REALENGO E PADRE MIGUEL).

2 JUSTIFICATIVA

Mesmo em bairros das grandes cidades existe um conhecimento popular, uma identidade e uma afetividade associadas às plantas, que também se perdem devido ao aumento de construções áreas calçadas e asfaltadas e a expressiva diminuição de quintais. Por valorizar o conhecimento popular, por querer evitar a perda cultural do mesmo, por desejar resgatar, preservar e repassar este patrimônio para as próximas gerações, este estudo busca levantar as plantas das quais os moradores do bairro de Padre Miguel sentem falta e desenvolver, futuramente, um trabalho interdisciplinar envolvendo essas, e outras plantas, com a escola e a comunidade.

3 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento entre moradores do bairro Padre Miguel, para identificação e análise de quais espécies vegetais são estão desaparecendo nos últimos anos nesta região, e listar o significado cultural pelo qual a falta da planta é sentida. Além disso, visa contribuir para a reintrodução e manutenção das espécies vegetais citadas numa área urbana, fortalecendo as relações entre as gerações e ampliando a disseminação desse conhecimento popular entre os mais jovens.

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1.1 Localização geográfica

O local de estudo é o bairro de Padre Miguel e imediações (Realengo e Bangu) situada na Zona Oeste, que representa a maior área do município do Rio de Janeiro, mas que registra o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), reflexo das significativas desigualdades sociais e realidades contrastantes desta região (INSTITUTO RIO PONTE PARA O INVESTIMENTO SOCIAL).

O bairro se localiza próximo à Estrada Realengo nas coordenadas 22° 52' 49.26" S, 43° 27' 1.79" W O; à Estação Ferroviária Mocidade de Padre Miguel em 22° 52' 30.36" S, 43° 26' 50.89" W e à sede G. R. E. S. Mocidade Independente de Padre Miguel em 22° 51' 37.92" S, 43° 26' 53.03" W. Estas coordenadas geográficas foram consultadas no site GeoHack-Wikimedia Tool Labs².

² GeoHack. Disponível em: <<https://tools.wmflabs.org/geohack/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

4.2 CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES ESCOLARES

Os estudantes que participaram da proposta são alunos da autora em duas unidades escolares do ensino básico na Zona Oeste da capital: a Escola Municipal José Piquet Carneiro localizada no bairro Bangu (22° 51' 46.55" S, 43° 27' 26.47" W) e Colégio Estadual República de Moçambique em Padre Miguel (22° 52' 26.8" S, 43° 26' 55.16" W). Ambas as unidades são expostas à violência (pois abrange áreas conflagradas), que atendem a uma população com condição econômica social desfavorável, sem acesso a bens culturais, o que dificulta o diálogo, a construção de parcerias e a participação da comunidade.

A primeira unidade é uma escola integral com turmas do ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano) e de aceleração, que oferece além das disciplinas regulares, estudo dirigido, projeto de vida e a escolha de uma eletiva por semestre. A maioria dos alunos mora próximo à escola. Os responsáveis são geralmente assistidos pelos programas sociais e não acompanham a vida escolar dos alunos, mas, sobretudo têm um bom relacionamento com a direção escolar, pois grande parte já estudou ou possui algum parente próximo matriculado na unidade. Este trabalho foi executado por 60 estudantes do 9º ano de duas turmas.

A segunda é um colégio estadual noturno com turmas do ensino médio regular (1º ao 3º ano) e de supletivo (NEJA I a IV). O prédio onde funciona o colégio é compartilhado com uma escola municipal, o que limita um pouco o trabalho pedagógico e a autonomia escolar. A maioria dos estudantes já é maior de idade e/ou constituíram família, trabalham ou estão matriculados em cursos técnicos no diurno, exceto aqueles que são das turmas iniciais (do 1º ano e NEJA I). Este trabalho foi executado por 40 estudantes do 2º ou 3º ano.

4.3 FASES E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A metodologia de trabalho foi dividida em três fases: apresentação da proposta aos alunos; aplicação de um questionário semi-estruturado com perguntas abertas e de dados do entrevistado (ALBUQUERQUE, 2005), e listagem dos dados coletados, dos significados culturais, das imagens e a identificação das plantas que

eram, segundo os moradores, abundantes e muito avistadas no bairro, mas que atualmente estão desaparecendo e eles sentem falta.

A autora, também professora de matemática nessas unidades escolares, apresentou a proposta de entrevista aos alunos (75 da Escola Municipal José Piquet Carneiro e 65, do Colégio Estadual República de Moçambique) no início do segundo bimestre, no mês de maio de 2018. Ela explicou o objetivo do trabalho e qual seria a função dos estudantes entrevistadores. Neste momento a autora esclareceu várias dúvidas dos jovens como: por que entrevistar pessoas de 60 anos ou mais? Pode ser alguém que já morou no bairro por um tempo? Podem ser entrevistados moradores de qualquer bairro? Posso entrevistar a mesma pessoa que outra já entrevistou, mas falando outra planta? Pode listar quantas plantas? Pode ser qualquer planta? Pode ser árvore ou alguma planta de casa ou da rua? O que significa “sentir falta dessa planta”? Como enviaremos as imagens?

Cada aluno recebeu um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) e um questionário com duas perguntas abertas a respeito das plantas que estão desaparecendo (nome popular e significado cultural) e dados gerais do entrevistado (como nome, grau de parentesco, bairro, tempo de residência, idade, sexo). O questionário foi feito no intuito de ser prático, com poucas instruções, de fácil preenchimento do estudante e de entendimento do morador (Apêndice B). Cada estudante escolheu um entrevistado morador de Padre Miguel com idade igual ou superior a 60 anos, que poderia ser ou não do seu núcleo familiar. A autora aceitou algumas entrevistas realizadas com ex-moradores de Padre Miguel (naquela época residiam em bairros adjacentes, como Bangu e Realengo), mas que tiveram média de 20 anos ou mais de residência no bairro estudado. No final desse trabalho, cem moradores foram entrevistados por cem estudantes.

Os questionários devolvidos tiveram seus dados digitados em planilhas eletrônicas, depois transformados em tabelas e/ou gráficos (através das ferramentas disponíveis no programa *Excel*). Cada aluno foi identificado com um código numérico (1 a 100) e todos dados do seu respectivo entrevistado foram digitados numa planilha eletrônica da sua turma correspondente. A partir do nome da planta apontada, cada entrevistador ficou responsável em pesquisar alguma imagem ou foto da planta na internet, e em seguida apresentá-la ao morador para a sua confirmação e reconhecimento. A imagem confirmada foi depois encaminhada à autora por e-mail, mensagem na rede social *Facebook* ou adicionada no grupo da

turma no *Whatsapp*. Cada imagem foi arquivada no computador pessoal da autora (com a identificação do nome do aluno / turma) e com uma cópia da pasta no *Google Drive*.

A identificação científica foi realizada através da busca pelo nome popular da planta e da correspondência à foto da mesma no site Flora Brasil³. Após a confirmação do vegetal, foi anotada qual família botânica ele pertencia. Caso infelizmente o nome popular não fosse encontrado, a autora buscava na internet uma identificação confiável e compatível com a imagem arquivada, registrando apenas sua família botânica. Um dos sites consultados nesse caso foi ITIS⁴ (The Integrated Taxonomic Information System), que apenas fornece a identificação botânica, mas não imagens. As samambaias apontadas neste levantamento foram identificadas cientificamente com a consultoria professora e botânica Lana Sylvestre do Instituto de Biologia – UFRJ, que considerou três famílias mais significativas: a Lomariopsidaceae, Polypodiaceae e Pteridaceae. No Apêndice C estão anotadas as referências pesquisadas por famílias.

Para registrar o significado cultural da planta dada por cada entrevistado, após a digitação dos dados, a autora leu primeiramente as cem respostas da segunda questão (Por que você sente tanta falta dessa planta?), analisando, identificando e anotando quais usos, valores ou significados foram mais recorrentes entre os entrevistados. De acordo com a ênfase dessa descrição e se baseando em Silva (2015), a autora descreveu as nove categorias mais mencionadas pelos moradores: medicinal, ornamental, alimentícia, místico-religioso, ambiente agradável, sombra, cosmético, higiene e afetivo e/ou recreativo. No final desse trabalho, na discussão, estes significados culturais e as nove categorias serão mais bem exemplificados e analisados.

Por último, a partir de todos os dados digitados na pasta e planilhas criadas no *Excel*, foram calculadas todas as frequências absolutas e porcentagens de cada informação da entrevista (sexo, parentesco, bairro, idade etc.), ou a média aritmética (idade e tempo de residência no bairro), e construídos gráficos e/ou tabelas (descrição das famílias, faixas etárias dos entrevistados e o grau de parentesco).

³ Programa REFLORA/CNPq. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4380>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

⁴ ITIS – The Integrated Taxonomic Information System. Disponível em: <https://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_topic=TSN&search_value=42554#null>. Acesso em: 31 ago. 2018.

5. RESULTADOS

5.1 A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES

A proposta de entrevista foi apresentada a 75 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental Integral da rede municipal de ensino e 65, Ensino Médio Regular Noturno da rede estadual, mas foi concluída com sucesso por 100 estudantes (71,4%). Este percentual de participação dos estudantes foi calculado a partir do total de inscritos (140) nas quatro turmas no segundo bimestre de 2018.

Entre os estudantes entrevistados pode-se observar uma maior participação daqueles que estão no Ensino Fundamental em relação aos do Ensino Médio, pois o primeiro segmento teve maior adesão dos alunos (80%) e a maioria executou a atividade no prazo estabelecido pela professora (Tabela 1). Podemos verificar após a análise desses dados que quanto maior a escolaridade do estudante menor foi o seu interesse em participar da proposta. Por exemplo, apenas 53,3% dos alunos do 3º ano do Ensino Médio executaram e finalizaram a tarefa (Tabela 2).

Tabela 1: Percentual de participação dos alunos por segmento.

<i>Turmas</i>	<i>Total de alunos inscritos</i>	<i>Percentual de participação</i>
<i>Ensino Fundamental</i>	75	80
<i>Ensino Médio</i>	65	61,5

Tabela 2: Percentual de participação dos alunos por turma.

<i>Turmas</i>	<i>Total de alunos inscritos</i>	<i>Percentual de participação</i>
1901	36	88,9
1902	39	71,8
2001	35	68,6
3001	30	53,3

Os alunos do Ensino Médio demonstraram maior envolvimento afetivo com os entrevistados, pois os relatos orais apresentaram maior preocupação em relação ao tratamento, respeito e acolhimento das respostas dadas pelos moradores. Provavelmente por serem mais adultos, ou por já estarem inseridos no mercado de trabalho e tendo maior experiência de vida, estes valorizam mais o conteúdo que ouviram do que os estudantes do Ensino Fundamental; se aproximaram mais dos entrevistados, valorizaram e refletiram mais sobre as respostas recebidas e demonstraram a importância desse tipo de trabalho a autora. Já ao contrário dos estudantes do Ensino Médio, os alunos do 9º ano mostraram que estão constantemente em contato com seus familiares/entrevistados e que alguns são responsáveis pelos mesmos. Estas e outras impressões serão apresentadas na discussão desse trabalho, principalmente na análise do significado cultural das plantas mencionadas.

5.2 OS ENTREVISTADOS

No total os estudantes entrevistaram 100 pessoas. A maioria dos entrevistados foi do sexo feminino (80%), atualmente residente no bairro Padre Miguel (52%) a pelo menos 40 anos, avó do aluno entrevistador (53%) e com idade média de 66 anos (Tabela 3). O levantamento mostrou ainda que 85% dos entrevistados são familiares dos alunos (Figura 3), semelhante ao trabalho de Galvão (2013), que fala sobre o conhecimento de plantas (medicinais) ser principalmente transmitido no núcleo familiar. Além disso, a maioria dos entrevistados é do sexo feminino como também foi evidenciado em outros trabalhos (LOPES & PANTOJA, 2012) e restrito, principalmente, a pessoas mais idosas, que adquiriram este conhecimento empiricamente ao longo dos anos (MEDEIROS *et al*, 2004). 59% dos entrevistados tinha entre 60 a 65 anos de idade e o mais velho tinha 87 anos representado na última faixa etária na Figura 4.

Apesar de não ser foco deste levantamento, muitos alunos entrevistadores comentaram e compartilharam que os entrevistados tinham alguns exemplares dessas plantas no próprio quintal de casa, quase como um “tesouro”, principalmente aquelas que tinham, segundo eles, alguma propriedade medicinal. Também alguns

moradores confessaram que já teve no passado algum exemplar apontado no próprio quintal, mas aconteceram diversos eventos que culminaram na retirada dessas plantas (principalmente árvores frutíferas). Nesse sentido, a principal justificativa mencionada foi a realização de obras ou manutenção da casa.

Tabela 3: Percentual do tipo de parentesco com o aluno.

<i>Parentesco</i>	<i>Percentual de entrevistados</i>
<i>Avó</i>	53
<i>Avô</i>	8
<i>Bisavó</i>	2
<i>Mãe</i>	1
<i>Pai</i>	4
<i>Tia-avó</i>	3
<i>Tia ou tio</i>	14
<i>Vizinho ou vizinha</i>	10
<i>Outros</i>	5

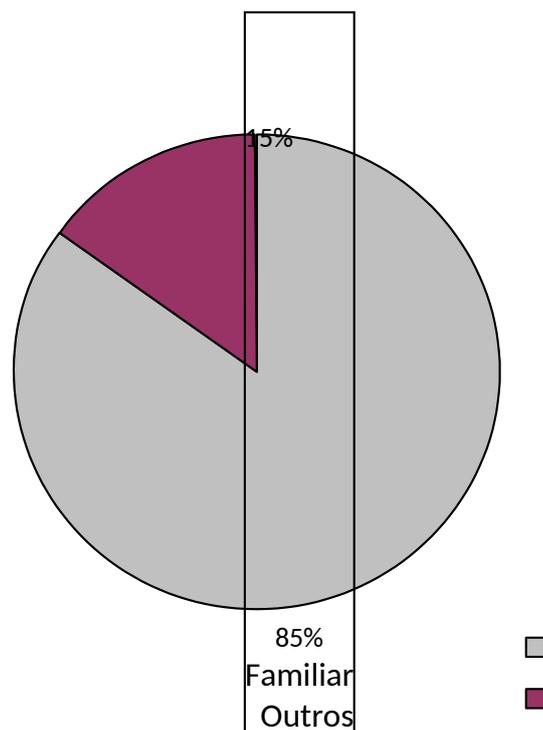


Figura 3: Percentual do grau de parentesco.

Certos entrevistados ficaram bastante entusiasmados com o levantamento e listaram mais de uma planta desaparecida no bairro. Alguns alunos postaram, além da imagem da planta, a imagem do entrevistado. Apesar de não ser novamente o foco dessa pesquisa, vale registrar o que foi dito por alguns alunos sobre a quantidade de conhecimento sobre plantas dos entrevistados. Durante a entrevista, estes falaram como a utilizavam (ou parte dela); como a plantavam; qual época ou terra era melhor para cultivo da mesma; qual local e cuidado era mais apropriado para mantê-la “feliz” e “bonita”; como faziam a muda ou colheita dos seus frutos; como faziam receitas ou preparavam chás; falavam inclusive de simpatias, brincadeiras e canções populares envolvendo a mesma, dentre outros detalhes.

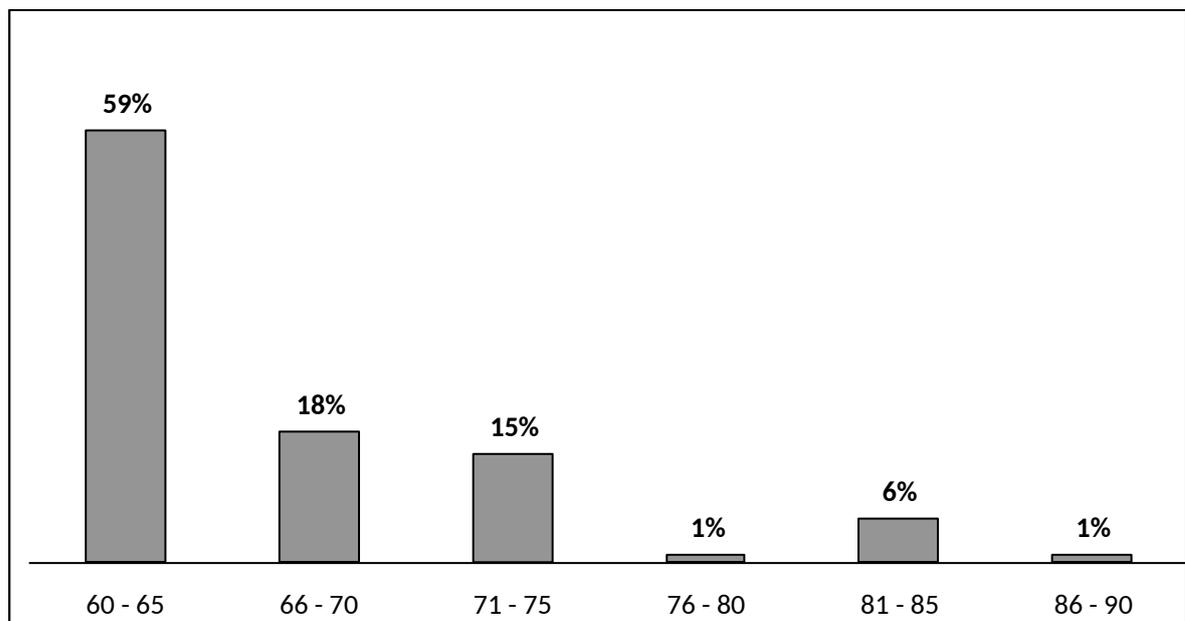


Figura 4: Percentual da faixa etária dos entrevistados.

5.3 AS PLANTAS QUE OS ENTREVISTADOS SENTEM FALTA

Após o levantamento, foram listados 105 nomes populares e imagens de plantas, que depois de identificadas foram distribuídas em 38 famílias botânicas, das quais a Asteraceae (13 nomes populares), e Araceae (11) foram as mais destacadas (Tabela 4).

Tabela 4: Famílias botânicas

<i>Famílias botânicas</i>	<i>Número de plantas</i>
Asparagaceae Juss; Begoniaceae C.Agardh; Bromeliaceae A.Juss.; Clusiaceae Lindl.; Combretaceae R.Br.; Cycadaceae Pers.; Equisetaceae Michx. ex DC.; Lauraceae Juss.; Malpighiaceae Juss.; Malvaceae Juss.; Melastomataceae A. Juss.; Nymphaeaceae Salisb; Oxalidaceae R.Br.; Papaveraceae Juss.; Phyllanthaceae Martinov; Polygonaceae A. Juss.; Portulacaceae Juss.; Proteaceae Juss.; Rubiaceae Juss.; Solanaceae A.Juss.	1
Amaranthaceae A.Juss.; Balsaminaceae A.Rich.; Cucurbitaceae A.Juss.; Euphorbiaceae Juss.; Moraceae Gaudich.; Rosaceae Juss.; Rutaceae A. Juss.	2
Poaceae Barnhart	3
Anacardiaceae R.Br.; Xanthorrhoeaceae Dumort.	5
Lamiaceae Martinov; Myrtaceae Juss.	8
Fabaceae Lindl;	9
Lomariopsidaceae Alston, ou Polypodiaceae J.Pres, ou Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	9
Araceae Juss.	11
Asteraceae Bercht. & J.Presl	13
Total	105

As famílias Lamiaceae e Myrtaceae foram ambas representadas com 8 nomes populares, mas seis diferentes. Por exemplo, o Cambuci, Eucálio, Goiabeira, Jamelão, Pitanga, a planta “plinia ilhensis” são nomes populares da Myrtaceae, enquanto na Lamiaceae foram registradas a Alfavaca, Boldo, Crote, Hortelã, Macaé e Poejo.

Os nomes populares das plantas que os entrevistados mais sentem falta são: samambaia (nove entrevistados); dormideira (sete); babosa, comigo-ninguém-pode e dália (cinco). Vale lembrar que todas estas plantas mencionadas têm sua importância e significado cultural, mesmo que lembrada apenas uma única vez como as vinte plantas que são contabilizadas na Tabela 4 e discriminadas na Tabela 5.

A Tabela 5 mostra a descrição de todas as 105 plantas levantadas nesse trabalho da seguinte forma: a imagem com a respectiva referência; a identificação da família botânica; o nome popular indicado e total de votos dos entrevistados. Cada imagem apresentada neste conteúdo mostra o código do estudante entrevistador, totalizando 76 imagens. No momento de envio das imagens os estudantes não identificaram o site de referência nem a autoria das mesmas, logo a autora teve que depois pesquisar na internet estas fontes separadamente.

Tabela 5: Identificação científica com foto

Foto	Família Botânica	Nome popular	Total de votos
	Amaranthaceae A.Juss.	Erva-de-santa-maria	2
<p>Imagens 16 e 61: Disponível em: <https://formasaudavel.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Erva-de-santa-maria-300x199.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2018.</p>			
	Anacardiaceae R.Br.	Pé de caju, Caju- anão, Cajueiro	2
<p>Imagens 4 e 19: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScLK8XRZyy8>. Acesso em: 18 ago. 2018.</p>			



Anacardiaceae
R.Br.

Mangueira com fruta
abundante

2

Imagem 1: Disponível em: <https://www.arvores.brasil.nom.br/florin/fotos/06manga.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Anacardiaceae
R.Br.

Mangueira

Imagem 43: Disponível em: <http://letrasdobviv.blogspot.com/2012/06/bloco-2-deste-pe-de-manga-rodada-do.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Anacardiaceae
R.Br.

Pé de cajá,
Cajazeira

1

Imagem 22: Disponível em:
<http://3.bp.blogspot.com/_sv5jP_aC_pc/TB2zuhBJF-I/AAAAAAAAAC4/jyM8V1abHxk/S250/caja+no+p%C3%A9+2.jpg>. Acesso em:
18 ago. 2018.



Araceae
Juss.

Tinhorão

1

Imagem 31: Disponível em: <<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR4LC5aW7JpT2xiaSD9BJ2NVnQArYyTY71rs6ohW52gHNAE7j6pCA>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss.

Comigo-ninguém-pode

5

Imagem 74: Disponível em: <<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR4LC5aW7JpT2xiaSD9BJ2NVnQArYyTY71rs6ohW52gHNAE7j6pCA>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss

Comigo-ninguém-pode

Imagem 18: Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/planta-comigo-ninguem-pode-e-perigosa/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss

Comigo-ninguém-pode

Imagem 58: Disponível em: <<https://www.floradelivery.com.br/comigo-ninguem-pode>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss

Comigo-ninguém-pode

Imagem 92: Disponível em: <https://indowillem.files.wordpress.com/2014/01/dieffenbachia_seguine1fkst.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss

Comigo-ninguém-pode

Imagem 96: Disponível em:
<<https://escolakids.uol.com.br/comigoninguempode.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss.

Copo-de-leite

4

Imagem 47: Disponível em:
<<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/copo-de-leite.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss.

Copo-de-leite

Imagem 51: Disponível em: <<http://barrosoambientalista.com/fauna-flora/curiosidades-e-informacoes-sobre-flor-copo-de-leite/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Araceae
Juss.

Copo-de-leite

Imagem 56 E 80: Disponível em: <<https://blog.giulianaflores.com.br/wp-content/uploads/2013/11/copo-de-leite-decoracao.jpg>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 55: Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/tinhor%C3%A3o-taj%C3%A1-tai%C3%A1-cal%C3%A1dio-planta-673899/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Araceae
Juss.

Taiá

1



Imagem 12: Disponível em: <<https://www.altoastral.com.br/livre-se-do-mal-com-poderosa-espada-de-sao-jorge/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Asparagaceae
Juss

Espada-de-são-jorge

1



Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Arnica

1

Imagem 5: Disponível em: <https://www.oficinadeervas.com.br/img.php?img=20100818_160746_solidago1.jpg&t=G2>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Assa peixe

1

Imagem 5.1: Disponível em: <<https://www.beneficiosdasplantas.com.br/wp-content/uploads/2014/07/assa-peixe.jpg>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagens 26 e 44: Disponível em: <<http://flores.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/dalia-2/D%C3%A1lia-4.jpg>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Dália

5



Imagens 36 e 90: Disponível em: <<http://flores.culturamix.com/flores/naturais/flor-dalia-negra>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Dália



Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Dália

Imagem 86: Disponível em: <<http://barrosoambientalista.com/fauna-flora/conheca-tudo-sobre-flor-dalia-e-seus-beneficios/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Girassol

3

Imagem 46: Disponível em: <<https://tudoela.com/girassol/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Girassol

Imagem 59 e 77: Disponível em: <https://www.infoescola.com/plantas/girassol/>. Acesso em: 18 ago. 2018.

em:



Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Margarida

3

Imagem 6: Disponível em: <https://br.depositphotos.com/5507412/stock-photo-daisy-yellow-and-white-flowers.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 37: Disponível em: <<http://flores.culturamix.com/flores/a-margarida>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Margarida



Imagem 68: Disponível em: <<https://pt.depositphotos.com/108199754/stock-photo-white-and-yellow-flower-detail.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Asteraceae
Bercht. & J.Presl

Margarida



Imagem 8: Disponível em: <[https://maryworks.wordpress.com/2017/06/12/beijo - dobrado-rsrs/](https://maryworks.wordpress.com/2017/06/12/beijo-dobrado-rsrs/)>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Balsaminaceae
A.Rich.

Beijo-de-frade-dobrado

1



Imagem 34: Disponível em: <[http://www.mundodeflores.com/images/beijos - pintados.jpg?phpMyAdmin=9ea091c51a5aa3cf876fb3cf0a5f7f3d](http://www.mundodeflores.com/images/beijos-pintados.jpg?phpMyAdmin=9ea091c51a5aa3cf876fb3cf0a5f7f3d)>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Balsaminaceae
A.Rich.

Beijinho

1



Begoniaceae
C.Agardh

Begônia,
Tapete-de-são-jorge

1

Imagem 25: Disponível em: <<http://www.espacoverdeflor.com.br/plantas-ornamentais.php?id=75>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Bromeliaceae
A.Juss.

Bromélia

1

Imagem 69: Disponível em: <<https://www.sitiodamata.com.br/especies-de-plantas/herbaceas/bromelia-neoregelia-vandarm>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 41.1: Disponível em: <<https://www.beneficiosnaturais.com.br/abrico-beneficios-e-propriedades-dessa-fruta/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Clusiaceae
Lindl.

Abriçó

1



Imagem 32: Disponível em: <<https://www.floresefolhagens.com.br/amendoeira-da-praia-terminalia-catappa/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Combretaceae
R.Br.

Amendoeira

1



Cucurbitaceae
A.Juss.

Melão-de-são-caetano

2

Imagens 5.3 e 95: Disponível em: <<https://pensabrasil.com/melao-sao-caetano-cura-cancer/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Cycadaceae
Pers.

Palmeira-cica

1

Imagem 62: Disponível em: <<http://www.fazendasgraciosa.com.br/palmeira-cica-em-vaso>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Equisetaceae
Michx. ex DC.

Planta cavalinha

1

Imagem 67: Disponível em:
<http://www.cultivando.com.br/plantas_medicinai_s_detalhes/cavalinha.html>.
Acesso em: 18 ago. 2018.



Euphorbiaceae
Juss.

Coroa-de-cristo

1

Imagem 17: Disponível em: <<http://umaflorepordia.blogspot.com/2015/08/coroe-de-cristo-pequena-coroa-de-espinho.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 91: Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-solucoes-tecnicas/-/produto-servico/908/mamona---brs-energia>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Euphorbiaceae
Juss.

Mamona

1



Imagem 41.1: Disponível em: <<https://tudoela.com/beneficios-do-inga/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Fabaceae
Lindl.

Ingá

2



Imagem 57: Disponível em: <<https://www.naturalcura.com.br/dormideira-o-que-e-beneficios-e-como-usar/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Fabaceae
Lindl.

Dormideira,
Dorme-dorme,
Maria-dormideira

7



Imagem 5.2: Disponível em: <<http://www.ppmac.org/?q=content/macae-rubim>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Lamiaceae
Martinov

Macaé

1



Lamiaceae
Martinov

Hortelã

2

Imagem 50: Disponível em: <https://consultoriodeastrologia.blogs.sapo.pt/hortela-planta-que-cura-1270792>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Lamiaceae
Martinov

Poejo

1

Imagem 60: Disponível em: <http://roofingbrooklyn.net/plantas-rasteiras-para-jardins.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 78: Disponível em: <<http://www.roofingbrooklyn.net/como-cultivar-alecrim-e-manjericao.html> . Acesso em: 18 ago. 2018.

Lamiaceae
Martinov

Alfavaca,
Manjerona,
Manjericão

1



Imagem 14: Disponível em: <<https://www.clickmudas.com.br/muda-abacate-60cm.html>> . Acesso em: 18 ago. 2018.

Lamiaceae
Martinov

Abacateiro

1



Lamiaceae
Martinov

Boldo,
Tapete de oxalá

2

Imagem 70: Disponível em: <<https://cursosonline.site/cha-de-boldo-para-que-serve/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Lauraceae
Juss.

Crote,
Cóleus

1

Imagem 85: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/23045704@N07/6067003556>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Malpighiaceae
Juss.

Pé de acerola

1

Imagem 21: Disponível em: <[http://www.jardimdasideias.com.br/871 - a_poda_correta_da_acerola](http://www.jardimdasideias.com.br/871-a_poda_correta_da_acerola)>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Malvaceae
Juss.

Papoula

1

Imagem 97: Disponível em: <<https://www.beneficiosdasplantas.com.br/papoula/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Melastomataceae
A . Juss

Canela-de-velho

1

Imagem 9: Disponível em: <<https://tudoela.com/canela-de-velho/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Moraceae
Gaudich.

Figueira

2

Imagem 13: Disponível em: <https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2016/01/multimedia/fotos/259238-na-terra-do-morango-a-vez-e-da-producao-de-figo.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Myrtaceae
Juss.

Cambuci

1

Imagem 66: Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/ usos - beneficios/5675-cambuci-10-beneficios>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Myrtaceae
Juss.

Eucalipto

2

Imagem 72: Disponível em: <<https://www.bomcultivo.com/sementes -de-eucalipto-citriodora-nua-100-gramas>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 76: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j3gS1mim_xr0>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Myrtaceae
Juss.

Pitanga anã do cerrado

1



Imagem 73: Disponível em: <https://herbariovaa.org/imglib/neotrop/misc/201406/21398_1403197231_web.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Myrtaceae
Juss.

Planta plinia ilhensis

1

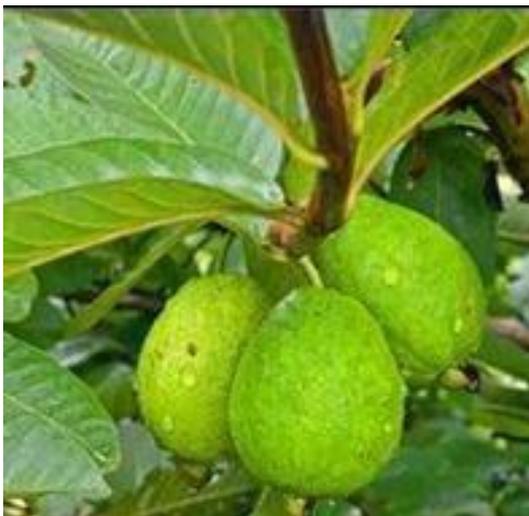


Imagem 10: Disponível em: <<http://flores.culturamix.com/informacoes/como-plantar-goiabeira>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Myrtaceae
Juss.

Goiabeira

1



Imagem 83: Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/flora/noticia/2016/09/jamelao-tem-usos-medicinais-e-ocorre-no-nordeste-do-brasil.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Myrtaceae
Juss.

Jamelão

2



Imagem 87: Disponível em: <<https://www.infoescola.com/plantas/vitoria-regia/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Nymphaeaceae
Salisb

Vitória regia

1



Imagem 11: Disponível em: <<https://casa.umcomo.com.br/artigo/como-plantar-carambola-21349.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Oxalidaceae
R.Br.

Pé de carambola

1



Papaveraceae
Juss.

Papoula

1

Imagem 79: Disponível em:
<<https://engenhariadasessencias.com.br/loja/essencias/320-essencia-papoula-do-seara.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Phyllanthaceae
Martinov

Quebra-pedra

1

Imagem 45: Disponível em : <<https://www.tuasaude.com/quebra-pedra/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 3: Disponível em: <<https://www.sitiodamata.com.br/bambu-sitio-da-mata-b-vulgaris-vittata-verde-com-verde-361>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Poaceae
Barnhart

Bambu

1



Imagem 53: Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-855424597-03-mudas-de-capim-cidreira-limo-erva-cidro-_JM>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Poaceae
Barnhart

Capim limão

2



Polygonaceae
A. Juss.

Erva-de-bicho

1

Imagem 100: Disponível em: <<http://www.gloove.com.br/170132/voce-conhece-erva-de-bicho>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Proteaceae
Juss.

Planta beija-flores

1

Imagem 89: Disponível em: <<http://www.meudedoverde.com.br/plantas-que-atraem-beija-flores/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Rosaceae
Juss.

Rosa branca

1

Imagem 88: Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/ usos -beneficios/4574-rosa-branca-cha-como-usar>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Rosaceae
Juss.

Rosa

1

Imagem 24: Disponível em: <<http://www.revistarunners.com.br/nomes -de-flores/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 54: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9S0Q2aVBR7w>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Rubiaceae
Juss.

Pé de jenipapo

1



Imagem 7: Disponível em: <<http://casadosargassal.blogspot.com/2014/06/laranjeira.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Rutaceae
A.Juss

Pé de laranja

1



Rutaceae
A.Juss

Arruda

1

Imagem 23: Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=B_ZWX4VirQQ>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Solanaceae
A.Juss.

Manacá

1

Imagem 65: Disponível em:
<<http://luizcarlosamorim.blogspot.com/2013/06/chegou-o-inverno-no-meu-jardim.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Xanthorrhoeaceae
Dumort.

Babosa,
Aloe Vera

5

Imagem 27: Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/como-plantar/4007-babosa-como-plantar-e-mantener>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Xanthorrhoeaceae
Dumort.

Babosa,
Aloe Vera

Imagem 29: Disponível em: <<https://www.saudedr.com.br/babosa/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.



Imagem 38: Disponível em: <<http://clonagri.com/produto/samambaia-nephoreleipsis/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Lomariopsidaceae
Alston

Samambaia

9

Polypodiaceae
J.Presl

Pteridaceae
E.D.M. Kirchn.



Imagem 52: Disponível em: <http://flores.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/samambaia-1/thumbs/thumbs_1-samambaia.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Lomariopsidaceae
Alston

Samambaia

Polypodiaceae
J.Presl

Pteridaceae
E.D.M. Kirchn.



Imagem 28: Disponível em: <<http://www.seieventos.com.br/paisagismo/planta-e-arte-paisagismo/plantas-ornamentais/samambaia>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Lomariopsidaceae
Alston

Samambaia

Polypodiaceae
J.Presl

Pteridaceae
E.D.M. Kirchn.



Imagem 49: Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-740921297-samambaia-metro-ou-chorona-legitima-muda-_JM>. Acesso em: 18 ago. 2018.

Lomariopsidaceae
Alston

Samambaia

Polypodiaceae
J.Presl

Pteridaceae
E.D.M. Kirchn.

5.3.1 As plantas e seus significados culturais

A Tabela 6 apresenta a definição geral das categorias a partir dos significados culturais dos entrevistados: medicinal (Med.), ornamental (Orn.), alimentícia (Ali.), místico-religioso (Mis.), torna o ambiente agradável (Amb.), sombra (Som.), cosmético (Cos.), higiene (Hig.) e afetivo e/ou recreativo (Afe.).

Tabela 6: Categorias dos significados culturais

Medicinal	Utilizadas no tratamento ou prevenção de doenças, aliviar sintomas ou sequelas ou manter a saúde. Elas servem gratuitamente para substituir tratamentos ou receitas médicas. Os entrevistados apresentaram os seguintes usos: infusões, chás, xaropes e pomadas.
Ornamental	Planta valorizada unicamente pelo aspecto estético, decorativo, pela sua qualidade paisagística, para compor um estilo atrativo ou incomum ao meio. De acordo com o conceito de beleza e elegância do entrevistado estas são cultivadas apenas para decorar o interior das casas e jardins. As cores ou formatos das flores e das folhas foram os mais mencionados neste atributo.
Alimentícia	Têm importância na alimentação local fornecendo principalmente frutos. Estas plantas são cultivadas em um ambiente doméstico sem fins comerciais, coletados e usados na culinária na preparação de sucos, geleias, doces, licores etc. Alguns entrevistados também destacaram o valor nutricional do fruto, o aroma, o sabor, receitas familiares ou caseiras etc.
Místico-religioso	São valorizadas por possuir efeitos de proteção individual e do meio contra o mau-olhado, a inveja ou utilizadas em rituais espirituais. A planta absorve as energias negativas de pessoas, contribuindo para atrair boas energias, a felicidade, a sorte e a prosperidade. Possui uma função sagrada ao limpar e fortalecer energeticamente o indivíduo, para afastar seres malignos, quebrar magias ou feitiços etc. As plantas mais citadas nesta categoria foram a espada de são jorge, comigo-ninguém-pode e arruda.

Ambiente agradável	Plantas que têm a capacidade de transformar radicalmente o ambiente, recuperando a harmonia do meio, tornando-o menos “pesado” e mais agradável aos moradores. Os entrevistados descreveram que a presença dessas plantas influencia o comportamento positivo do sujeito ao torná-lo amigável, mais paciente, paz no local, aumentando o vínculo e a união a outros do seu convívio ou visitas. Elas condicionam um melhor bem estar físico e mental do entrevistado. Alguns apresentaram o hábito de cultivar, cuidar e até conversar com as plantas.
Sombra	Usadas como cobertura, proteção da radiação solar, gerando sombra e diminuindo consideravelmente a temperatura e a sensação térmica local (Padre Miguel tem geralmente um clima muito quente no verão).
Cosmético	Basicamente são produtos utilizados para fins estéticos, embelezamento, regeneração, contribuindo para manter a vitalidade, regular o organismo, combater o envelhecimento etc. Elas ajudam a cuidar da pele, do corpo e dos cabelos com baixo custo e sem efeito colateral. Foram destacadas para perfumar, para hidratar e tonificar (principalmente cabelos e pele), ou para auxiliar a digestão para fins diuréticos.
Higiene	São produtos feitos para a higiene e a limpeza tanto pessoal ou geral. Aqui se enquadram as plantas com funções antibacterianas, antifúngicas, antissépticas, ação como pesticida, relente e para combater maus odores etc.
Afetivo e/ ou recreativo	O entrevistado associa a planta a algum sentimento, emoção ou memória, ou a eventos e momentos de recreação, lazer etc. A planta tem algum atributo (odor, aroma, cor, etc.) que remete a algo significativo, marcante e expressivo, geralmente relacionados a família, a infância ou juventude, a ritos de passagem etc.

Após a uma nova leitura minuciosa de cada resposta, foi marcada uma ou mais categorias para cada planta. Nessa etapa se prestigiou as regras de Darell Posey para uma pesquisa etnobiológica, que assume que nenhum dado ou

informação deve ser rejeitado, mesmo que este pareça absurdo ou insignificante, pois eles podem codificar relações evolutivas ou mitológicas, cuja função é proteger os recursos naturais e preservar o equilíbrio ecológico nessa comunidade (POSEY, 1987 *apud* ALBUQUERQUE, 2005).

Na Tabela 7 estão listadas as categorias de cada planta e os percentuais de cada categoria. O percentual de cada uma das categorias foi calculado pela quantidade de depoimentos que faziam referência ao mesmo em relação ao total de plantas. Logo, de acordo com as respostas dos entrevistados, os significados culturais mais listados são relativos: a memórias afetivas (74,3%); a proporcionar um ambiente mais agradável aos moradores (49,5%); às questões ornamentais (36,2%); às propriedades medicinais (29,5%) e à alimentação propriamente dita (24,8%).

Notamos que dentre as plantas mais citadas neste levantamento prevalecem quase sempre as mesmas categorias apesar de serem listadas por diferentes entrevistados. Por exemplo, quatro entre cinco pessoas apontaram propriedades medicinais e cosméticas da babosa. Outro exemplo é samambaia, que teve seis votos comuns para a categoria ornamental, oito para ambiente e nove em relação à afetividade. Dentre as principais justificativas para a categoria afetividade, os moradores comentaram que as plantas remetem a memórias da infância ou juventude, episódios que envolvem geralmente com algum familiar mais próximo, desperta sentimentos ou lembranças ao ser observada, expressa alguma simbologia ou encerra alguma lição de vida (como ser generoso, bondoso etc.), remete a memória de entes queridos que já faleceram etc.

Em relação a tornar o ambiente agradável e ornamental, os entrevistados responderam que valorizavam a beleza, perfumes, cores, demais características dessas plantas (a maioria flores), que ajudavam a melhorar a estética visual da residência, do quintal ou do bairro. Sobre o impacto das plantas para contribuir num ambiente mais agradável, os moradores expressaram que estas transformam automaticamente o meio e também os seres vivos, de maneira a acalmar, a restaurar a harmonia, bem como credita as mesmas uma postura mais aconchegante e paciente dos moradores ou visitantes. Logo esta categoria não visa apenas o ornamental, mas sim a sensibilidade, pois todos os atributos desses vegetais (odor, cores, texturas etc.) faz toda a casa e o ambiente ressoar mais tranquilidade, paz e felicidade.

LEGENDA: **Med:** medicinal. **Orn:** ornamental. **Ali:** alimentícia. **Mis:** místico-religioso. **Amb:** ambiente agradável. **Som:** sombra. **Cos:** cosmético. **Hig:** higiene. **Afe:** afetivo e/ou recreativo.

Tabela 7: Identificação científica, nome popular e significado cultural das plantas

Nº	Família botânica	Nome popular	Med.	Orn.	Ali.	Mis.	Amb.	Som.	Cos.	Hig.	Afe.
1	Anacardiaceae R.Br.	Mangueira			X			X			
2	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia		X			X				X
3	Poaceae Barnhart	Bambu									X
4	Anacardiaceae R.Br.	Pé de caju			X			X			X
5	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Arnica	X								X
5.1	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Assa peixe	X								X
5.2	Lamiaceae Martinov	Macaé	X								X
5.3	Cucurbitaceae A.Juss.	Melão-de-são-caetano	X								X
6	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Margarida		X			X				X
7	Rutaceae A.Juss	Pé de laranja			X						
8	Balsaminaceae A.Rich.	Beijo-de-frade-dobrado		X							X
9	Melastomataceae A. Juss	Canela-de-velho	X		X						X
10	Myrtaceae Juss.	Goiabeira			X			X			
11	Oxalidaceae R.Br.	Pé de carambola			X						X
12	Asparagaceae Juss	Espada-de-são-jorge	X				X				X
13	Moraceae Gaudich.	Figueira.	X						X	X	

14	Lauraceae Juss.	Abacateiro			X						
15	Fabaceae Lindl.	Dormideira	X								X
16	Amaranthaceae A.Juss.	Erva-de-santa-maria	X								
17	Euphorbiaceae Juss.	Coroa-de-cristo		X			X				X
18	Araceae Juss.	Comigo-ninguém-pode				X	X				
19	Anacardiaceae R.Br.	Pé de caju			X		X				X
20	Fabaceae Lindl.	Dormideira									X
21	Malpighiaceae Juss.	Pé de acerola			X		X				X
22	Anacardiaceae R.Br.	Cajazeira			X		X				X
23	Rutaceae A.Juss	Arruda				X	X				X
24	Rosaceae Juss.	Rosa		X							X
25	Begoniaceae C.Agardh	Begônia		X							X
26	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Dália					X				X
27	Xanthorrhoeaceae Dumort.	Babosa	X						X	X	
28	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia					X				X
29	Xanthorrhoeaceae Dumort.	Babosa	X								
30	Xanthorrhoeaceae Dumort.	Babosa	X						X		
31	Araceae Juss.	Tinhorão		X			X				X
32	Combretaceae R.Br.	Amendoeira		X	X		X	X			X

33	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia									X
34	Balsaminaceae A.Rich.	Beijinho	X		X		X				
35	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia		X			X				X
36	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Dália		X			X				X
37	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Margarida					X				X
38	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia					X				X
39	Fabaceae Lindl.	Dormideira	X			X					X
40	Fabaceae Lindl.	Dormideira									X
41	Clusiaceae Lindl.	Abricó			X		X	X			X
41.1	Fabaceae Lindl.	Ingá			X		X				X
42	Xanthorrhoeaceae Dumort.	Babosa	X						X	X	
43	Anacardiaceae R.Br.	Mangueira			X		X				X
44	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Dália		X							
45	Phyllanthaceae Martinov	Quebra-pedra	X								
46	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Girassol		X			X				X
47	Araceae Juss.	Copo-de-leite		X			X				X
48	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia		X							X

49	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia		X			X				X
50	Lamiaceae Martinov	Hortelã	X								
51	Araceae Juss.	Copo-de-leite		X			X				X
52	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia		X			X				X
53	Poaceae Barnhart	Capim limão	X	X	X		X				X
54	Rubiaceae Juss.	Pé de jenipapo	X		X			X			X
55	Araceae Juss.	Taiá		X			X				X
56	Araceae Juss.	Copo-de-leite					X				X
57	Fabaceae Lindl.	Dormideira,		X							X
58	Araceae Juss.	Comigo-ninguém-pode									X
59	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Girassol		X			X				X
60	Lamiaceae Martinov	Poejo	X		X						X
61	Amaranthaceae A.Juss.	Erva-de-santa-maria	X		X		X		X	X	
62	Cycadaceae Pers.	Palmeira-cica		X			X				X
63	Poaceae Barnhart	Capim limão	X		X						X
64	Fabaceae Lindl.	Dormideira									X
65	Solanaceae A.Juss.	Manacá		X			X				
66	Myrtaceae Juss.	Cambuci	X								X

67	Equisetaceae Michx. ex DC.	Planta cavalinha	X							
68	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Margarida		X			X			X
69	Bromeliaceae A.Juss.	Bromélia		X			X			X
70	Lamiaceae Martinov	Boldo	X							X
71	Lamiaceae Martinov	Boldo	X							
72	Myrtaceae Juss.	Eucalipto					X			X
73	Myrtaceae Juss.	Planta plinia ilhensis					X			X
74	Araceae Juss.	Comigo-ninguém-pode				X	X			X
75	Myrtaceae Juss.	Eucalipto					X	X		X
76	Myrtaceae Juss.	Pitanga anã			X					X
77	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Girassol		X			X			X
78	Lamiaceae Martinov	Alfavaca			X					X
79	Papaveraceae Juss.	Papoula		X			X			
80	Araceae Juss.	Copo-de-leite		X						X
81	Portulacaceae Juss.	Onze-horas		X			X			X
82	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.	Samambaia		X			X			X
83	Myrtaceae Juss.	Pé de jamelão			X			X		X
83.1	Fabaceae Lindl.	Ingá			X			X		X
84	Fabaceae Lindl.	Dormideira,		X			X			X

85	Lamiaceae Martinov	Crote, cóleus		X			X				X
86	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Dália		X							
87	Nymphaeaceae Salisb	Vitória regia		X			X				X
88	Rosaceae Juss.	Rosa branca	X	X			X		X	X	X
89	Proteaceae Juss.	Planta beija-flores				X					
90	Asteraceae Bercht. & J.Presl	Dália		X			X				X
91	Euphorbiaceae Juss.	Mamona	X				X				X
92	Araceae Juss.	Comigo-ninguém-pode					X				X
93	Moraceae Gaudich.	Figueira		X			X	X			
94	Xanthorrhoeaceae Dumort.	Babosa							X	X	
95	Cucurbitaceae A.Juss.	Melão-de-são-caetano	X								
96	Araceae Juss.	Comigo-ninguém-pode				X					X
97	Malvaceae Juss.	Papoula		X			X				X
98	Lamiaceae Martinov	Hortelã	X		X						X
99	Myrtaceae Juss.	Pé de jamelão			X						
100	Polygonaceae A. Juss.	Erva-de-bicho	X						X	X	
		Total de citações	31	38	26	6	52	10	8	7	78
		<i>Porcentagem</i>	29,5	36,2	24,8	5,7	49,5	9,5	7,6	6,7	74,3

Ou seja, as plantas segundo os moradores tornam o ambiente mais leve, bonito, relaxante e harmonioso, sendo uma forma de baixo custo em decorar a casa por exemplo. Algumas foram apontada por responsáveis de “purificar” e “tirar mau olhado”. No entanto, estas plantas também têm outros significados para os entrevistados, como por exemplo, a dormideira e a espada-de-são-jorge foram listadas tendo propriedades medicinais (a primeira planta era boa para garganta e prisão de ventre). Apesar de entrevista ter sido no outono, alguns moradores apontaram os benefícios das árvores frondosas que fornecem nos dias quentes do verão sombra. Este é o caso da amendoeira apontada pelo Raymundo avó de Victor (1901), que além da sombra, produzia frutos saborosos e embelezava o bairro.

Conferindo os dados do Ensino Fundamental, notamos que as categoriais mais valorizadas foram: afetiva (75%), ambiental (54,7%), ornamental (53,1%), Higiênica (42,2%) e medicinal (31,3%). A Figura 5 mostra a distribuição dessas categorias nessas turmas.

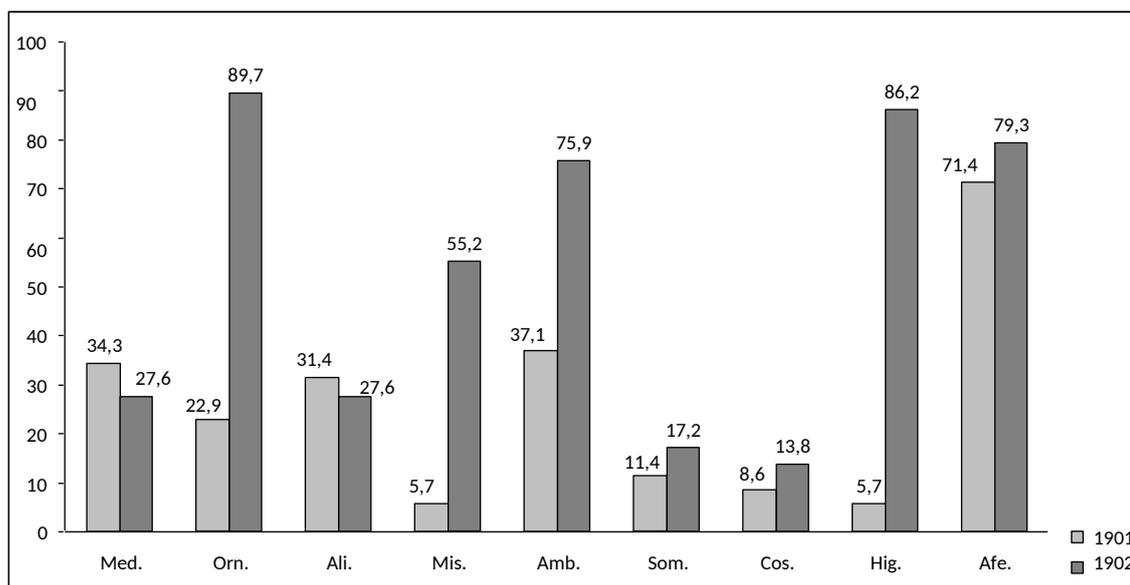


Figura 5: Distribuição das categorias nas turmas do Ensino Fundamental em percentual

Já em relação aos entrevistados do ensino médio as categorias mais valorizadas foram também afetiva (70,7%), ambiental (53,7%), ornamental (41,5%), medicinal (26,8%) e alimentícia (19,5%). A Figura 6 mostra a distribuição das categorias nesse segmento.

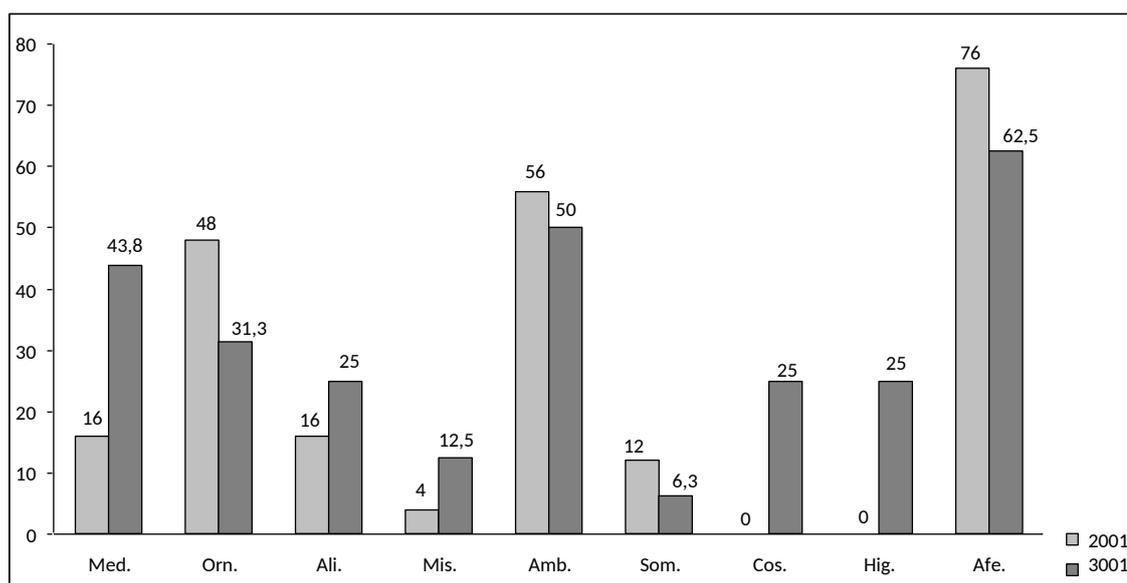


Figura 6: Distribuição das categorias nas turmas do Ensino Médio em percentual

Em ambos os segmentos educacionais as questões relacionadas a afetividade foram intensamente abordadas nas entrevistas. Podemos apresentar a contribuição da entrevistada Marlene (avó de Samara, turma 1901) que sente falta do tinhorão, porque este faz recordar e analisar a formação da sua personalidade e caráter: “porque essa planta me fazia refletir, quando eu fazia algo de bom ou de ruim. Também me acalmava, desde pequena adorava brincar com essa planta de comidinha”.

Ao compartilhar sentimentos, muitos estudantes também começaram a refletir e admitir o quanto estavam distanciados de seus familiares, de conhecer a sua história, cultura e valores. A avó Antonia de Jonathan (turma 2001) se lembrou da flor *Plinia ilhensis*, uma das primeiras plantas que ela conheceu quando chegou ao Rio de Janeiro. Quando o estudante entregou o questionário comentou que tinha até se esquecido que sua avó veio de Minas Gerais e que fazia um bom tempo que ele não a visitava. Ao pesquisar a foto, Jonathan teve dificuldades em encontrá-la, mas persistiu falando que “aquela flor era importante demais para sua avó”.

Para todos os participantes, a atividade serviu para mostrar o quanto se modificou a paisagem, o clima e a vegetação dessa região em pouco tempo, isto se considerarmos o tempo de residência dessas pessoas. Janderson, também do 2º ano, descreveu atentamente qual era o significado do eucalipto na infância seu avô: “existia próximo à nossa residência vários pés de eucaliptos. Eles foram sumindo despercebidamente, pois foram cortados aos poucos, vindos a sumir (hoje) completamente. Na minha infância, aos 12 anos aproximadamente, eu soltava pipa e

aquelas árvores me davam referência quanto a posição do vento. Eu observava que muitas pipas ficavam presas nestas arvores (...) Sinto saudade, onde me dá um grande vazio. ”

Outra entrevista interessante é de Cleci avó de Andrey (turma 3001). A mais de 66 anos moradora de Padre Miguel, ela sente falta da Vitória Régia: “porque era lindo ver aquelas plantas na água, marcou muito a infância e hoje em dia é raro encontrar nesse bairro. Na verdade, não tem mais, porque a praça onde tinha dessas plantas agora é uma escola, o CIEP Mestre André. ” Por ironia, este é o local que abriga o Colégio República de Moçambique onde o neto estuda e ainda hoje persiste um fraco curso d’água que se transformou em mais um “valão” no bairro.

Igor da mesma turma foi um dos primeiros a entregar o questionário, registrando a indignação de sua vizinha Eunice quanto à destruição do ambiente natural: “porque nós brasileiros não sabemos dar valor a nada e colocamos em risco plantas, animais, o planeta por pura vaidade. Aqui onde eu moro (Padre Miguel), arrancaram todas as árvores e todas as flores. Em seu lugar foi construída uma passarela de concreto e (agora) o ar está cada vez mais carregado com a poluição. ” Outros moradores também denunciaram ações desmatamento, vandalismo etc., por exemplo, o vizinho da avó de Agatha Cristine (turma 1901) que “matou” a planta ao colocar veneno, justificando o ato falando que a mangueira (de fruto abundante) fazia muita sujeira no quintal dele.

Mesmo não sendo a intenção da autora, muitos alunos pesquisaram os nomes científicos, propriedades medicinais ou curiosidades desses vegetais, como se fosse um trabalho escolar convencional. Teve alunos que apresentaram no questionário as fontes de pesquisa e a reprodução de trechos sobre o exemplar. Isto aconteceu principalmente no ensino médio, onde detalharam perfeitamente a flora, ou perguntaram “quando a pesquisa seria corrigida e devolvida”, se finalmente a autora iria divulgar as plantas que estão desaparecendo no bairro etc.

Por último, baseado na Tabela 7 foi elaborado o Apêndice D, com os nomes populares das plantas que os entrevistados sentiram falta. Logo neste arquivo é possível se comparar os significados culturais atribuídos a um mesmo vegetal por diferentes entrevistados e qual é a variação das respostas dadas etc.

6 DISCUSSÃO

Este trabalho investigou, quais são as plantas estão desaparecendo em um bairro do Rio de Janeiro, bem como quais são seus usos/significados. Segundo Medeiros *et al.* (2004) este conhecimento é geralmente restrito a pessoas mais idosas e adquirido ao longo dos anos empiricamente, logo realmente esta amostra apresentou várias informações e conhecimentos sobre plantas, bem como significados culturais próprios. Para analisar estes dados e as interações entre estas pessoas e plantas do seu meio foi empregada a abordagem da etnobotânica, já que esta propicia esforços para garantir que estes conhecimentos possam ser preservados (ALBUQUERQUE, 2005).

A autora, para compreender estas interações e a realidade desse grupo, colaborou e cooperou com as entrevistas, analisando todos os dados com respeito e valor, orientando e ouvindo os estudantes, mas não impôs sua cultura ou conhecimento em nenhum momento. Segundo Albuquerque (2005, p. 54), cabe aos etnobotânicos entenderem como as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, aproveitam e manejam o seu ambiente. A escolha da observação participante (ALBUQUERQUE, 2005), se demonstrou importante por duas razões: primeiro por evidenciar este conhecimento popular e segundo, pela recepção e aceitação desse grupo ao trabalho, pois estes participantes estão aguardando a divulgação dos dados e conclusão do mesmo. Estas ações na prática libertam o pesquisador da intolerância e em decorrência, o mesmo ganha uma visão globalizante e sistêmica.

Ainda nessa perspectiva, a autora notou que a maioria dos entrevistados é familiar do estudante e do sexo feminino, o que concorda com o trabalho de Galvão (2013), pois o conhecimento de plantas se propaga principalmente dentro do núcleo familiar e são principalmente transmitidos por mulheres idosas (LOPES & PANTOJA, 2012).

Infelizmente a autora não conseguiu nenhuma referência quanto ao significado cultural em adultos, mas Kellert (2002, p.135) apresenta uma classificação interessante: valores utilitários e negativistas se desenvolvem nas crianças de três aos seis anos de idade; valores humanitários, simbólicos, estéticos e científicos entre seis e doze, e no terceiro estágio (13 e 17 anos), se expande

valores moralistas, naturalistas e ecológicos. Sendo assim, podemos discutir que a atividade de entrevistar um adulto sobre o tema desse trabalho, pode ter construído uma maior reflexão sobre estas plantas e seus significados nos sessenta alunos dessa faixa.

Os significados culturais mais comumente expressos pelos moradores (familiares) foram relacionados a afetividade, ao ambiente agradável, ao ornamental, medicinal e a alimentação. Quanto aos significados referentes a afetividade, ao ambiente agradável e ornamentais, podemos atrelar alguns trabalhos como de Flouri *et al.* (2014), que mostram a importância e a promoção de espaços verdes da vizinhança no bem estar emocional de crianças pobres urbanas. No artigo, Flouri *et al.* (2014) apresenta que pais que têm maior acesso ou utilizam espaços são mais saudáveis e fisicamente mais ativos, que por consequente repassam aos seus filhos as suas visões de natureza, atividade física e saúde mental, e estas exibem maior resiliência emocional e comportamental, ou menos problemas emocionais e comportamentais diante as adversidades que enfrentam (RUTTER, 2013). Mas especificamente neste trabalho, estes adultos também são, de certa forma, os referenciais desses valores (relação com a natureza, equilíbrio emocional e atividade) a estes estudantes, que estão numa área com baixa cobertura vegetal e urbanizada. Logo aqueles moradores que sustentam que as plantas podem gerar um ambiente mais agradável, pacífico e harmonioso, podem também mostrar aos estudantes o quanto é importante a presença das plantas e contato com a natureza.

Devemos lembrar que estes estudantes e moradores de Padre Miguel estão numa área urbana desordenada, que passou por extremas transformações que contribuíram na alteração de 75% das características naturais dessa área. Estes estudantes não têm ou têm pouco acesso ao ambiente natural, logo mesmo indiretamente, eles puderam conhecer através da proposta algumas plantas, que estão segundo os mais experientes desaparecendo da paisagem. Vários estudos apontam para os riscos alienação/afastamento emocional da natureza como consequência da urbanização global (MALONE, 2007) e outros sugerem discutir a importância de encontros diretos com os ambientes naturais para construir a preocupação e a compreensão sobre o mundo natural (em crianças). (CHAWLA, 2009).

A participação de todos os protagonistas foi de suma importância para o levantamento, porque ao se pesquisar este tema envolveu interesses que não estão

limitados apenas aos resultados, mas também a todo um processo de aprendizado desses estudantes, como por exemplo: atuar como entrevistador e numa atividade extraclasse; participar efetivamente de discussões ocorridas a partir de uma resposta de um entrevistado; comparar resultados semelhantes ou diferentes a outros colegas; conhecer as propriedades e usos de uma planta; saber através de uma entrevista a história e as transformações do bairro; fazer novas conjecturas; compartilhar emoções e saberes com outra geração; estreitar laços, respeitar e compreender valores etc. Tudo isto é imprescindível numa iniciativa de conscientização e resgate cultural (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010, p.86).

Ao desafiá-los com uma proposta diferente, o professor está promovendo processos de ensino-aprendizagem (de desconstrução de conceitos e reconstrução/apropriação de outros) norteados pela contextualização e a interdisciplinaridade, que acabam a instigar e estimular a curiosidade do aluno, que ajuda a fortalecer os laços entre professor e aluno (WOHLENBERG, 2008). Ao se levantar quais espécies florais estão desaparecendo em Padre Miguel demonstrou que de fato existe um risco de perda cultural dessas plantas, porque durante o processo de entrevista ficou evidente que a maioria dos estudantes desconhecia aquelas plantas. Estes indivíduos agora passam a compreender o que estas plantas representam para estas pessoas, agregando novos significados, experiências, emoções e saberes, situação bem diferente de “receberem” o conteúdo já pronto ou acabado, que não despertam neles uma reflexão autônoma (CALLAI, 1997). Segundo Matter (2012, p.11) na interdisciplinaridade o sujeito é plenamente ativo, é protagonista da própria história, numa relação de interdependência com a sociedade, pois consegue desenvolver a capacidade de ser crítico e responsável para a sua libertação e transformação da sua realidade.

Propositalmente a autora estimulou a participação dessa comunidade no fazer etnobotânico, ao coordenar a entrevista dos moradores por jovens estudantes, um investimento que não só promove a conservação da flora, mas também o desenvolvimento e valorização cultural, que podem futuramente ajudar na execução de outras ações (MARTIN, 1986). Ao ouvir e destacar o significado cultural de cada planta dado, acredita-se que este jovem acolherá este conhecimento, respeitando-o, compreendendo-o e disseminando-o para as próximas gerações, ou seja, estará ajudando no resgate do conhecimento tradicional dessas plantas, mesmo sendo residentes em áreas urbanas.

Os entrevistados, sobretudo, demonstraram preocupação por conta da degradação da natureza e das mudanças climáticas em prol da urbanização do bairro, fato também denunciado por Medeiros *et al.*(2004) que relaciona tanto a dizimação da flora nativa quanto a da cultura popular, bem como a economia e a organização social dessas populações (BRITO & BRITO, 1999). Também estas interrelações entre pessoas experientes e inexperientes ou professores e alunos, etc., contribui de forma crucial para a aprendizagem (FONSECA, 2016). O aluno deve ser reconhecido como ser relacional e emocional, sujeito constituído por atitudes, condutas, conhecimentos e competências que foram transmitidas por outro mais experiente (FONSECA, 2016).

Estas emoções e afeto declarados por todos participantes, incluindo a autora, confirmam a importância da afetividade na construção do conhecimento, pois ficou evidente o potencial de se identificar e trabalhar estes interesses/emoções para se apropriar de múltiplas relações conceituais que se estabelecem com outras áreas de conhecimento e cultura. Por exemplo, o conhecimento de plantas pode gerar um grande leque de temas e conteúdos disciplinares como: história das antigas civilizações e da agricultura; leitura de diversos gêneros textuais e registros históricos sobre vegetais (como canções, poemas, provérbios, lendas); práticas da agricultura, distribuição do espaço geográfico, conflitos pela terra e movimentos sociais; aplicações e modelagens matemáticas envolvendo logística e armazenamento de vegetais; observação de padrões matemáticos e geométricos nas plantas (por exemplo, crescimento de plantas, observação no padrão das formas das células ou partes da planta); valor nutricional e nutrientes essenciais; doenças relativas a alimentação moderna (como intolerância ao glúten, obesidade etc.); discussão, atualização e conhecimento de temas polêmicos e éticos (manipulação genética e vegetais transgênicos); conservação, sustentabilidade e interação plantas e animais; discussão sobre crenças, mitos e ciência (por exemplo, plantas sentem dor? Se comunicam? Compreendem o que as pessoas falam?); construção de projetos pedagógicos (como hortas, teto verde, terrários, estufas, ferramentas e utensílios para jardinagem feito de materiais alternativos) e outros.

Este tipo de proposta incentiva à pesquisa, à investigação e à reflexão do objeto de estudo no decorrer da atividade, propiciando maior compreensão, valorização e significado ao objeto, bem como criar vínculo afetivo a este conhecimento, pois não foi recebido, mas construído e reconstruído. Nesse processo

de aprendizagem, muitos estudantes desenvolveram outras habilidades e competências não restritas a disciplina de ciências e/ou biologia. Alguns por conta própria tentaram identificar as espécies, pesquisaram os nomes, as propriedades e os usos dessas plantas. Outros argumentaram com a autora se a planta tinha ou não condições de se desenvolver e de sustentar no bairro no passado (como o caso da entrevistada que sentia falta da vitória-régia, planta da região amazônica). Logo estes relatos confirmam Tassoni (2000), pois a intensidade dessas relações podem realmente aproximar ou afastar os estudantes do objeto de conhecimento, o que também pode afetar tanto os processos cognitivos quanto a afetividade envolvida.

Portanto é crucial que o professor proponha projetos e atividades interdisciplinares, contextualizadas e dinâmicas, não só desenvolvidas no espaço escolar. Estas propostas precisam ser integradas a várias áreas do conhecimento e a realidade desses alunos, de forma a motivá-los a participarem ativamente como aconteceu nessa proposta diferenciada com a participação de 71,4% dos estudantes. Isto confirma que uma prática de ensino interdisciplinar e de qualidade cria mais condições e potencialidades para que cada aluno seja mais crítico, ativo, responsável e criativo (WOHLENBERG, 2008).

7 CONCLUSÃO

Evidenciamos que a proposta da etnobotânica realmente possibilitou o levantamento de plantas desaparecidas neste bairro e a listagem dos respectivos significados culturais. De acordo com o levantamento pode-se concluir que a proposta de entrevista foi bem aceita e executada pelos estudantes, principalmente pelos do Ensino fundamental. A maioria dos entrevistados é familiar do estudante, o que leva a aceitar que este conhecimento popular é principalmente repassado pela família. Apesar de apontarem como principal significado cultural a afetividade, muitos entrevistados demonstraram preocupação por conta da degradação da natureza, falando o quanto o ambiente e o clima estão desfavoráveis aos habitantes da região.

A autora conseguiu sensibilizar e mobilizar alunos e entrevistados em torno do tema “plantas das quais sentem falta”, proporcionando a ambos participantes várias emoções e memórias que são importantes na conservação, valorização e compreensão desse conhecimento. Ao compartilharem esta cultura, estes sujeitos aprendem num contexto social e emocional, gerando um conhecimento mais significativo do que um pronto e acabado. Isto só foi possível porque a autora como investigadora etnobotânica se envolveu com a comunidade, de forma participativa, mostrando a importância de integrar os saberes populares e científicos no processo de construção do conhecimento (ALBUQUERQUE, 2005, pp. 54-7).

Estes resultados e conhecimentos sistematizados serão futuramente apresentados a comunidade através da devolução dessas plantas desaparecidas aos moradores pelos estudantes entrevistadores dessas unidades escolares em algum evento relacionado à ciência e ao meio ambiente. A autora pretende estender este trabalho nas escolas ao desenvolver projetos interdisciplinares ou ações educativas integrando os conteúdos formais e outros valores, que nem sempre são prestigiados no currículo das ciências. Acredita-se que isto contribuirá para um ensino-aprendizagem mais significativo e dinâmico, considerando a importância da afetividade nesse processo, que todos estão relacionados à natureza e são responsáveis pela mesma, em direção a uma cultura sustentável e ecológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à Etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

_____; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (orgs). **Métodos e técnicas na Pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: NUPEEA, 2010.

ALEM, Adriano. **Breve relato sobre a formação das Divisões Administrativas na Cidade do Rio de Janeiro** – período de 1961 a 2010. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, Instituto Pereira Passos, 2010. Atualizado em novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4290214/4105682/06.AnexoVIDescricaoMapadaAreadePlanejamento5.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

ALMEIDA, Roselina N. de. **As contribuições das emoções no processo ensino aprendido**. Anais da Conferência Internacional Saberes para uma Cidadania Planetária. UECE. Fortaleza/Ceará/Brasil - 24 a 27 de maio de 2016. Disponível em: <http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38145-28032016-203404.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.

ALVES, Ricardo C. S. **O corpo do professor**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

ASKERLUND, Per; ALMERS, Ellen. Forest gardens – new opportunities for urban children to understand and develop relationships with other organisms. **Urban Forestry & Urban Greening**: 2016. pp. 187–197.

BALICK, M.J.; COX, P.A. **Plants, people, and culture**: The science of ethnobotany. New York: Scientific American Library, 1996. p. 228.

BRITO, A.R.M. & BRITO, A.A.S. 1999. Medicinal plant research in Brazil: data from regional and national meetings. In: M.J. Balick; E. Elisabetsky & S.A. Laird (eds.). **Medicinal Resources of the tropical forest - biodiversity and its importance to human health**. Columbia University Press, New York. pp. 386-401.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria. **Pesquisa, educação e cidadania**: percursos teóricos e metodológicos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

CALLAI, Jaeme Luiz. **O Que Ensinar nas Aulas de História?** s/d. 1997.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CENTRO de memória de Realengo e Padre Miguel. Disponível em: <<https://www.facebook.com/centromrp?fref=ts>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

CHAWLA, L. **Growing up green**: becoming an agent of care for the natural world. J. Dev. Processes 41, 2009, pp. 6–23.

DIEGUES, A.C. et al. **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, PROBIO-MMA, CNPq, 2000. p. 189.

EMILIANO, Joyce M. & TOMÁS, Débora N. **Vigotski**: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015. pp. 59-72,

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostki**. Cadernos CEDES, Campinas, v.24, n.62, abr. 2004, p. 64-81.

FERREIRA, A. L., ACIOLY-RÉGNIER, N. M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Editora UFPR. Educar, Curitiba, n. 36, 2010, pp. 21-38.

FLOURI, Eirini; MIDOUHAS, Emily; JOSHI, Heather. **The role of urban neighbourhood green space in children's emotional and behavioural resilience**. Journal of Environmental Psychology: 2014. pp. 179-186.

FONSECA, Vitor da. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Revista psicopedagogia. Artigo Especial. Ano 2016. v. 33. Ed.102. Disponível em:

<<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/505/importancia-das-emocoes-na-aprendizagem--uma-abordagem-neuropsicopedagogica>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, pp. 16-7.

GALVÃO, Marcelo N.; MAGALHÃES-FRAGA, SANDRA A. P. **Etnobotânica no reconhecimento de espécies de interesse medicinal para o projeto lucro**

Pedra Branca – FIOCRUZ. 64º Congresso Nacional de Botânica. Belo Horizonte, 10-15 de novembro de 2013.

GUIMARÃES, M.F.M.; MESSIAS, M.C.T.B. MENEGATTO, M.F; PRADO, A.C.C; SANTOS B.R. **Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários**: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Campinas, v.17, n.1, pp.76-104, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n1/1983-084X-rbpm-17-01-00076.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

HANAZAKI, N. et al. **Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil**. Biodiversity and Conservation, v.9, 2000, pp.597-615.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2847.

INSTITUTO RIO PONTE PARA O INVESTIMENTO SOCIAL. **Listas de bairros do Rio de Janeiro por IDH**. Disponível em:<<http://www.amafreguesia.org/wp-content/uploads/2015/09/IDH.jpg>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

KELLERT, S.R. Experiencing nature: affective, cognitive and evaluative development in children. In: Kahn, P.H., Kellert, S.R. (Eds.), **Children and Nature**: Psychological, Sociocultural and Evolutionary Investigations. The MIT Press, Cambridge, MA, 2002 pp. 117-151.

LOPES, G. F.G; PANTOJA, S. C. S. **Levantamento das espécies de plantas medicinais utilizadas pela população de Santa Cruz – Rio de Janeiro- RJ**. Revista Eletrônica Novo Enfoque, ano 2012, v.15 n.16, pp.62-80. Disponível em:<http://www.castelobranco.br/sistema/novo enfoque/webroot/files/15/artigos/12_Levantamentodasespeciesdeplantas_SoniaPantoja_Subtitulo_VF.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.

LORENZI, Henri. **Plantas ornamentais no Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

_____; SOUZA, Hermes Moreira de; TORRES, Mario A. V.; BACHER, Luis B. **Árvores exóticas no Brasil**: madeireiras, ornamentais e aromáticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2003.

_____. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v. 1-3. 5 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

_____; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. v. 1-3. 5 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MACIEL, Pedro. "As veredas estão desaparecendo". Entrevista realizada em 18 de fevereiro de 1995, no caderno Ideias/Livros; Jornal do Brasil. **Revista Caliban**. 12 set. 2017. Disponível em: <<https://revistacaliban.net/as-veredas-est%C3%A3o-desaparecendo-ffbe1ba8ad18>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

MAHONEY, Abigail. A.; ALMEIDA, Laurinda R. de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. Apresentado como minicurso na 27ª Reunião Anual da Anped, no GT Psicologia da Educação, em 2004. Psic. da Ed., São Paulo, 20, 1º semestre de 2005, pp.11-30.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. pp. 17-34; 87-100.

MALONE, K., **The bubble-wrap generation**: children growing up in walled gardens. Environ. Educ. Res. 13, 2007, pp. 513-27.

MARTIN, Gary J. **El papel de la etnobotánica en el rescate ecológico y cultural de America Latina**. Congresso Latino Americano de Botânica. Simpósio de Etnobotânica, 4. Medellin. Anais... 1986. pp. 67-77.

MATTER, Josiane Adrieli. **A interdisciplinaridade nos anos iniciais do ensino fundamental**. Monografia de conclusão do curso pedagogia. UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Santa Rosa, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2050/MONOGRAFIA%20INTERDISCIPLINARIDADE.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

MAYVILLE, W. V. **Interdisciplinarity**: The mutable paradigm. AAHE/ ERIC/ Higher Education Research Report, n. 9, 1978.

MEDEIROS, Maria F. T.; FONSECA, Viviane S.; ANDREATA, Regina H. P. **Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil**. Acta bot. bras. Acta bot. bras. [online]. 2004, vol.18, n.2, pp. 391-399. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-33062004000200019>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

MILARÉ, Tathiane; FILHO, José de P. A. **Do ensino disciplinar à formação interdisciplinar da cidadania no Ensino de Ciências**. Didáctica de la química. Educación química. Universidad Nacional Autónoma de México, 2010. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0187893X18300739>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PATZLAFF, Rubia G.; LUNA PEIXOTO, Ariane. **A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v.16, N.1, jan-mar, 2009, pp. 237-46. Fundação Oswaldo Cruz Rio de Janeiro, Brasil.

RUTTER, M. Annual research review: **Resiliencee clinical implications**. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 54, 2013, pp.474-487.

SANTOS, V. P. **Interdisciplinaridade na Sala de aula**. São Paulo, SP. Loyola, 2007.

SILVA, Valdeline A. Diversidade de uso das cactáceas no nordeste do Brasil: uma revisão. **Gaia Scientia**, 2015. Edição Especial Cactaceae. pp.137-154.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

THIESEN, Juares da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Educação. Centro Universitário de São José, Departamento de Educação Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 39 set./dez. 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010>. Acesso em: 31 ago. 2018.

WOHLENBERG, PRISCILA. **Importância da interdisciplinaridade no processo de ensino/aprendizagem dentro do espaço escolar**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul–Unijui. Três Passos, 2018. Disponível em:<<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/4878/Pri-scila%20Wohlenberg.pdf?sequence=1>>. Acesso em 31 ago. 2018.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA SOBRE O DESAPARECIMENTO DE PLANTAS NO SEU BAIRRO TURMA _____

NOME DO RESPONSÁVEL: VERA MOREIRA GONÇALVES

Você está sendo convidado a participar de um trabalho sobre o conhecimento das plantas que estão desaparecendo no seu bairro o qual não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição. É um estudo acadêmico efetuado por mim VERA MOREIRA GONÇALVES e orientada pela professora ELIANA SCHWARTZ TAVARES da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Caso você concorde em participar desse estudo, o aluno participante irá entrevistar um morador com 60 anos ou mais. O entrevistado responderá duas questões sobre plantas do bairro e dados gerais. Depois o estudante deverá enviar uma imagem da planta identificada pelo entrevistado a professora. Todas as informações que você fornecer serão organizadas de modo a proteger a sua identidade. Qualquer informação sobre os resultados do estudo lhe será fornecida quando este estiver concluído. Você tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Caso concorde em participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas.

NOME DO ALUNO	NOME E ASSINATURA DO RESPONSÁVEL DO ALUNO	NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO
	ASSINATURA: _____	ASSINATURA: _____

Assinatura do(s) pesquisado(r/es): _____

Assinatura da(s) testemunha(s): _____

APÊNDICE B – FOLHAS DE ENTREVISTA REALIZADA

	ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ PIQUET CARNEIRO TRABALHO DE MATEMÁTICA – 2º BIMESTRE PROFESSORA VERA MOREIRA GONÇALVES
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL TURMA: 190_____	NOTA: _____
NOME: _____ Nº: _____	

Prezado(a) aluno(a) entrevistador, fique atento às orientações abaixo:

- 1- Escolha uma pessoa a ser entrevistada **COM IDADE MAIOR OU IGUAL A 60 ANOS**;
- 2- Leia com atenção cada pergunta antes de começar a entrevista;
- 3- Procure escrever a resposta do entrevistado no espaço definido e com precisão;
- 4- Procure responder a todas as perguntas.

PESQUISA SOBRE O DESAPARECIMENTO DE PLANTAS NO SEU BAIRRO

NOME DO ENTREVISTADO: _____

GRAU DE PARENTESCO: _____

IDADE: ____ **BAIRRO:** _____ **TEMPO DE RESIDÊNCIA NO BAIRRO:** ____

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

A- Qual é a planta que na sua juventude era abundante e muito vista no seu bairro, mas que hoje você sente falta e desapareceu?

B- Por que você sente tanta falta dessa planta?

- 5- Pesquise em sites de busca na internet uma foto da planta;
- 6- Identifique com o entrevistado se a foto corresponde a planta;
- 7- Depois da confirmação do entrevistado mostre ou envie a foto para a professora.

--

 GOVERNO DO Rio de Janeiro	COLÉGIO ESTADUAL REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE TRABALHO DE MATEMÁTICA – 2º BIMESTRE PROFESSORA VERA MOREIRA GONÇALVES	
	ENSINO MÉDIO	TURMA: _____
NOME: _____	Nº: _____	NOTA: _____

Prezado(a) aluno(a) entrevistador, fique atento às orientações abaixo:

- 1- Escolha uma pessoa a ser entrevistada **COM IDADE MAIOR OU IGUAL A 60 ANOS**;
- 2- Leia com atenção cada pergunta antes de começar a entrevista;
- 3- Procure escrever a resposta do entrevistado no espaço definido e com precisão;
- 4- Procure responder a todas as perguntas.

PESQUISA SOBRE O DESAPARECIMENTO DE PLANTAS NO SEU BAIRRO

NOME DO ENTREVISTADO: _____

GRAU DE PARENTESCO: _____

IDADE: ____ **BAIRRO:** _____ **TEMPO DE RESIDÊNCIA NO BAIRRO:** ____

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

A- Qual é a planta que na sua juventude era abundante e muito vista no seu bairro, mas que hoje você sente falta e desapareceu?

B- Por que você sente tanta falta dessa planta?

- 5- Pesquise em sites de busca na internet uma foto da planta;
- 6- Identifique com o entrevistado se a foto corresponde a planta;
- 7- Depois da confirmação do entrevistado mostre ou envie a foto para a professora.

--

APÊNDICE C – REFERÊNCIAS DAS FAMÍLIAS BOTÂNICAS

Família	Nome popular	Número de plantas	Fonte
Amaranthaceae A.Juss.	Erva-de-santa-maria.	2	Amaranthaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB42 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Anacardiaceae R.Br.	Cajazeira; Cajueiro; Mangueira.	5	Anacardiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB44 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Araceae Juss.	Comigo-ninguém-pode; Copo-de-leite; Taiá; Tinhorão.	11	Araceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB51 >. Acesso em: 30 Ago. 2018
Asparagaceae Juss.	Espada-de-são-jorge.	1	Lopes, R.C.; Dutilh, J.H.A.; Campos-Rocha, A. Asparagaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB34091 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Asteraceae Bercht. & J.Presl	Arnica; Assa peixe; Dália; Girassol; Margarida.	13	Asteraceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB55 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Balsaminaceae A.Rich.	Beijinho; Beijo-de-frade-dobrado.	2	Hassemer, G. Balsaminaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB130724 >. Acesso em: 30 Ago. 2018
Begoniaceae C.Agardh	Begônia	1	Begoniaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB59 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Bromeliaceae A.Juss.	Bromélia	1	Bromeliaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB66 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Clusiaceae Lindl.	Abricó	1	Clusiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB89 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Combretaceae R.Br.	Amendoeira	1	Combretaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB90 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Cucurbitaceae A.Juss.	Melão-de-são-caetano.	2	Cucurbitaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB17036 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Cycadaceae Pers.	Palmeira-cica.	1	ITIS, the Integrated Taxonomic Information System. Disponível em: < https://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_to_pic=TSN&search_value=18017#null >. Acesso em: 23 Jun. 2018.

Equisetaceae Michx. ex DC	Planta cavalinha.	1	Nóbrega, G.A.; Prado, J. Equisetaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB91154 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Euphorbiaceae Juss	Coroa-de- cristo; Mamona.	1	Euphorbiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB113 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Fabaceae Lindl.	Dormideira; Ingá.	9	Fabaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB115 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Lamiaceae Martinov	Alfavaca; Boldo; Crote; Hortelã; Macaé; Poejo.	8	Lamiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB142 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Lauraceae Juss.	Abacateiro.	1	Lauraceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB143 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Lomariopsidaceae Alston	Samambaia.	9	Maciel, S.; Santiago, A.C.P. Lomariopsidaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB91341 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Polypodiaceae J.Presl			Polypodiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB91537 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Pteridaceae E.D.M. Kirchn.			Pteridaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB91793 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Malpighiaceae Juss.	Pé de acerola.	1	Malpighiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB155 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Malvaceae Juss.	Papoula.	1	Malvaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB156 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Melastomataceae A. Juss	Canela-de- velho	1	Melastomataceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB161 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Moraceae Gaudich.	Figueira.	2	Moraceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB167 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Myrtaceae Juss.	Cambuci; Eucalipto; Goiabeira; Jamelão; Pitanga; Plinia ilhensis.	8	Myrtaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB171 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.

Nymphaeaceae Salisb.	Vitória regia	1	Nymphaeaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB173 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Oxalidaceae R.Br.	Pé de carambola	1	Oxalidaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB181 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Papaveraceae Juss.	Papoula	1	Hassemer, G. Papaveraceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB126838 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Phyllanthaceae Martinov	Quebra-pedra	1	Phyllanthaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB186 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Poaceae Barnhart	Capim limão; Bambu.	3	Poaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB193 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Polygonaceae A. Juss.	Erva-de-bicho	1	Polygonaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB196 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Portulacaceae Juss.	Onze-horas	1	Portulacaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB198 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Proteaceae Juss.	Planta beija-flores	1	Proteaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB200 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Rosaceae Juss.	Rosa; Rosa branca.	2	Rosaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB209 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Rubiaceae Juss.	Pé de jenipapo	1	Rubiaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB210 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Rutaceae A. Juss	Arruda; Pé de laranja.	2	Rutaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB212 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Solanaceae A. Juss.	Manacá.	1	Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB225 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.
Xanthorrhoeaceae Dumort.	Babosa.	5	Gil, A.S.B.; Schneider, L.J.C. Xanthorrhoeaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB39796 >. Acesso em: 30 Ago. 2018.

APÊNDICE D – TABELA NOME POPULAR, SIGNIFICADO CULTURAL E FAMÍLIA

LEGENDA:

Med: medicinal. **Orn:** ornamental. **Ali:** alimentícia. **Mis:** místico-religioso. **Amb:** ambiente agradável. **Som:** sombra. **Cos:** cosmético. **Hig:** higiene. **Afe:** afetivo e/ou recreativo.

Nome popular	M ed.	Orn.	Ali.	M is.	Amb.	Som.	Cos.	Hig.	Afe.	Nº	Família botânica
<i>Abacateiro</i>			X							14	Lauraceae Juss.
<i>Abriçó</i>			X		X	X			X	41	Clusiaceae Lindl.
<i>Alfavaca</i>			X						X	78	Lamiaceae Martinov
<i>Amendoeira</i>		X	X		X	X			X	32	Combretaceae R.Br.
<i>Arnica</i>	X								X	5	Asteraceae Bercht. & J.Presl
<i>Arruda</i>				X	X				X	23	Rutaceae A.Juss
<i>Assa peixe</i>	X								X	5.1	Asteraceae Bercht. & J.Presl
<i>Babosa</i>	X						X	X		27	Xanthorrhoeaceae Dumort.
	X									29	
	X						X			30	
	X						X	X		42	
							X	X		94	
<i>Bambu</i>									X	3	Poaceae Barnhart
<i>Begônia</i>		X							X	25	Begoniaceae C.Agardh
<i>Beijinho</i>	X		X		X					34	Balsaminaceae A.Rich.
<i>Beijo-de-frade-dobrado</i>		X							X	8	Balsaminaceae A.Rich.
<i>Boldo, Tapete de oxalá</i>	X									71	Lamiaceae Martinov
	X								X	70	
<i>Bromélia</i>		X			X				X	69	Bromeliaceae A.Juss.
<i>Cajá, cajazeira</i>			X		X				X	22	Anacardiaceae R.Br.
<i>Cambuci</i>	X								X	66	Myrtaceae Juss.
<i>Canela-de-velho</i>	X		X						X	9	Melastomataceae A. Juss
<i>Capim limão</i>	X	X	X		X				X	53	Poaceae Barnhart
	X		X						X	63	

<i>Comigo-ninguém-pode</i>				X	X					18	Araceae Juss.
									X	58	
				X	X				X	74	
					X				X	92	
				X					X	96	
<i>Copo-de-leite</i>		X			X				X	47	Araceae Juss.
		X			X				X	51	
					X				X	56	
		X							X	80	
<i>Coroa-de-cristo</i>		X			X				X	17	Euphorbiaceae Juss.
<i>Crote</i>		X			X				X	85	Lamiaceae Martinov
<i>Dália</i>					X				X	26	Asteraceae Bercht. & J.Presl
		X			X				X	36	
		X								44	
		X								86	
		X				X			X	90	
<i>Dormideira</i>	X								X	15	Fabaceae Lindl.
	X			X					X	39	
									X	40	
		X							X	57	
									X	20	
									X	64	
		X				X			X	84	
<i>Erva-de-bicho</i>	X						X	X		100	Polygonaceae A. Juss.
<i>Erva-de-santa-maria</i>	X									16	Amaranthaceae A.Juss.
	X		X		X		X	X		61	
<i>Espada-de-são-jorge</i>	X				X				X	12	Asparagaceae Juss
<i>Eucalipto</i>					X				X	72	Myrtaceae Juss..
					X	X			X	75	

<i>Figueira</i>		X			X	X				93	Moraceae Gaudich.
	X						X	X		13	
<i>Girassol</i>		X			X				X	46	Asteraceae Bercht. & J.Presl
		X			X				X	59	
		X			X				X	77	
<i>Goiabeira</i>			X			X				10	Myrtaceae Juss.
<i>Hortelã</i>	X									50	Lamiaceae Martinov
	X		X						X	98	
<i>Ingá</i>			X		X				X	41. 1	Fabaceae Lindl.
			X			X			X	83. 1	
<i>Macaé</i>	X								X	5.2	Lamiaceae Martinov
<i>Mamona</i>	X				X				X	91	Euphorbiaceae Juss.
<i>Manacá</i>		X			X					65	Solanaceae A.Juss.
<i>Mangueira</i>			X			X				1	Anacardiaceae R.Br.
			X		X				X	43	
<i>Margarida</i>		X			X				X	6	Asteraceae Bercht. & J.Presl
					X				X	37	
		X			X				X	68	
<i>Melão-de-são-caetano</i>	X								X	5.3	Cucurbitaceae A.Juss.
	X									95	
<i>Onze-horas</i>		X			X				X	81	Portulacaceae Juss.
<i>Palmeira-cica</i>		X			X				X	62	Cycadaceae Pers.
<i>Papoula</i>		X			X					79	Papaveraceae Juss.
<i>Papoula</i>		X			X				X	97	Malvaceae Juss.
<i>Pé de acerola</i>			X		X				X	21	Malpighiaceae Juss.
<i>Pé de caju</i>			X			X			X	4	Anacardiaceae R.Br.
			X		X				X	19	
<i>Pé de carambola</i>			X						X	11	Oxalidaceae R.Br.

<i>Pé de Jamelão</i>			X			X			X	83	Myrtaceae Juss..
			X							99	
<i>Pé de jenipapo</i>	X		X			X			X	54	Rubiaceae Juss.
<i>Pé de laranja</i>			X							7	Rutaceae A.Juss
<i>Pitanga anã do cerrado</i>			X						X	76	Myrtaceae Juss.
<i>Planta beija-flores</i>				X						89	Proteaceae Juss.
<i>Planta cavalinha</i>	X									67	Equisetaceae Michx. ex DC.
<i>Planta plinia ilhensis</i>					X				X	73	Myrtaceae Juss.
<i>Poejo</i>	X		X						X	60	Lamiaceae Martinov
<i>Quebra-pedra</i>	X									45	Phyllanthaceae Martinov
<i>Rosa</i>		X							X	24	Rosaceae Juss.
<i>Rosa branca</i>	X	X			X		X	X	X	88	Rosaceae Juss.
<i>Samambaia</i>		X			X				X	2	Lomariopsidaceae Alston; Polypodiaceae J.Pres; Pteridaceae E.D.M. Kirchn.
					X				X	28	
									X	33	
		X			X				X	35	
					X				X	38	
		X							X	48	
		X			X				X	49	
		X			X				X	52	
	X			X				X	82		
<i>Taiá</i>		X			X				X	55	Araceae Juss.
<i>Tinhorão</i>		X			X				X	31	Araceae Juss.
<i>Vitória regia</i>		X			X				X	87	Nymphaeaceae Salisb